

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL- UFRGS
FACULDADE DE BIBLIOTECOMICA E COMUNICAÇÃO – FABICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – DCI
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

ANA MARIA DE MATTOS RECKZIEGEL

**BETAMEMÓRIA: o blog e a folksonomia como ferramentas de preservação
do patrimônio ferroviário.**

**Porto Alegre
2010**

ANA MARIA DE MATTOS RECKZIEGEL

BETAMEMÓRIA: o blog e a folksonomia como ferramentas de preservação do patrimônio ferroviário.

Monografia apresentada ao Departamento de Ciência da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para formação de grau e aquisição do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lizete Dias de Oliveira

Co-Orientador: Prof. Dr. Rafael Port Rocha

**Porto Alegre
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Prof. MS. Ricardo Schneiders da Silva

Vice-Diretora: Prof^a. Dr^a. Regina Helena Van der Lann

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof^a. Dr^a. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Chefe substituta: Prof^a. Dr^a. Helen Beatriz Frota Rozados

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

R298l Reckziegel, Ana Maria de Mattos

BETAMEMÓRIA: o blog e a folksonomia como ferramentas de preservação do patrimônio ferroviário. / Ana Maria de Mattos Reckziegel; orientação [por] Lizete Dias de Oliveira e Rafael Port Rocha. – Porto Alegre : FRGS/FABICO/Departamento de Ciências da informação, 2010.

82f. : il.

1. Blog 2. Ferrovia 3. Ferramenta de armazenamento. 4. Memória 5. Construção coletiva do conhecimento 5. Fotografia I. Oliveira, Lizete Dias de II. Título.

Departamento da Ciência da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705 – Bairro Santana – Porto Alegre/RS – Brasil.

CEP 90035-007

Fone.: (51) 33085067

Fax: (51) 33085435

E-mail: fabico@ufrgs.br



Trem da Viação Férrea do Rio Grande do Sul na Av. Rio Grande, praia do Cassino. Foto de Antonio C. Estima, década de 1950.

***Aos meus pais:
Marco Antonio Reckziegel e
Silvana Alice de Mattos Reckziegel;
aos meus irmãos:
Marco Augusto e Ana Luísa,
e ao Ferroviário Paulo Nilton de Carvalho***

AGRADECIMENTOS

Este trabalho com certeza não foi feito a duas mãos. Muitas foram as que contribuíram para a realização efetiva das reflexões aqui propostas. Gostaria de agradecer a todos àqueles que me ajudaram por esse caminho da conclusão do curso.

Primeiramente, meu carinho especial a minha orientadora Prof^a Lizete Dias de Oliveira, que desde o início me apoiou, doando parte do seu tempo a atender todas as muitas solicitações feitas, pela paciência e incentivo. Espero poder retribuir com este trabalho como retorno do muito que aprendi.

A Paulo Nilton de Carvalho, por seu exemplo: pela descrição dos seus trabalhos na ferrovia, mas, principalmente, por falar de si. Minha especial gratidão pelas lembranças de infância e trajetórias de vida comigo compartilhadas.

A Maria José, ou Masé, que tive a oportunidade de conhecer e por quem fui gentilmente recebida durante a visita ao acervo de Seu Paulo.

Em seguida, agradeço ao Memorial da Justiça do Trabalho no Rio Grande do Sul pela oportunidade e aprendizado que resultou em um trabalho acadêmico.

A Banca: Prof^a. Myra Gonçalves e Prof^a Zita Possamai, pela atenção e disposição.

Ao Prof. Rafael Port Rocha pelos primeiros debates.

À minha família pelo amor infinito e razão de existir: Mãe, Pai, Mano, Lu, Vó Beti, Vô Miro (em memória), Vô Arno, Vó Célia, Cris que representam o meu amor de filha, irmã, neta e namorada.

Aos amigos Vinicius, Juliano, Luana e Gustavo pela amizade perpétua.

Ao Célvio (Derbi) e ao Paulo, pelo calor dos debates que resultaram em questionamentos pertinentes.

Ao amigo Fábio pelos livros e conversas inspiradoras.

À minha querida e eterna equipe: Maria Guilhermina, Kátia Teixeira Kneipp, Elton Luiz Decker, Antônio Francisco Ransolin, Paulo Guadagnin, Walter Oliveira e Benito Bisso Schmidt pela confiança e pelo apoio constante.

“Tudo o que não invento é falso”.

Manoel de Barros em **Memórias Inventadas**

RESUMO

O presente trabalho aborda o uso de blogs para armazenamento de documentos digitais, bem como a produção coletiva do conhecimento como estratégia de preservação da memória ferroviária. Apresenta a Web 2.0 e seus novos recursos para a organização de documentos digitais. Busca demonstrar as possibilidades de criação de uma memória coletiva no blog Betamemória através da folksonomia. Dentre os objetivos do trabalho estão: a preservação das informações e memórias despertadas através da fotografia com a migração do suporte e, a criação de um blog como ferramenta capaz de preservar tais informações, na medida em que possibilita a construção coletiva do conhecimento. O trabalho propõe, portanto, um estudo da folksonomia para a descrição de fotografias. Pretende identificar as características de um “vocabulário descontrolado” para a descrição de imagens, capaz de desenhar a revoada que é a memória. Como estudo de caso, foca-se nas fotografias de Paulo Nilton de Carvalho, bem como na folksonomia gerada por ele e pelo grupo de ferroviários aposentados participantes do estudo. A coleta de dados se deu com a realização de entrevistas, aplicação de ficha para coleta de termos, observação direta e grupo focal, com o objetivo de obter as descrições das fotografias disponibilizadas no blog.

Palavras-chave: Blog. Memória Ferroviária. Ferramenta de Armazenamento. Memória. Construção Coletiva do Conhecimento. Folksonomia. Fotografia. Paulo Nilton de Carvalho.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Paulo no colo da mãe com seis meses, na mudança para nova casa na Estação de João Arrégui, 1936.	19
Figura 2 - Fotografia de Paulo e Maria na Estação Restinga Seca, 1960. Escritos no verso.....	20
Figura 3 - Paulo e Maria no casamento em Santa Maria, 1963.....	21
Figura 4 - Paulo com maquinistas em Cacequi durante a viagem de aposentadoria em 1990.....	22
Figura 5 - Fotografia do Acervo de Seu Paulo. Locomotiva sendo descarregada no porto de Rio Grande em 1937.....	23
Figura 6 - Paulo Nilton em sua biblioteca pessoal segurando um dos painéis da exposição “Nos Trilhos da História”. Ao fundo sua coleção de gibis, agosto de 2010.	23
Figura 7 - Detalhe no verso da fotografia escrito por Seu Paulo.	24
Figura 8 - Seu Paulo em casa ao lado das pastas onde guarda algumas de suas fotografias, organizadas em categorias criadas por ele mesmo.	52
Figura 9 - Identidade visual e página de apresentação do Blog Betamemória.	59
Figura 10 - Painel para configurações de layout do blogger.	60
Figura 11 - Painel do Picasa software instalado no computador.....	62
Figura 12 - Páginas “Sobre a Pesquisa” e “Sobre Seu Paulo” com textos mais extensos e hiperlinks.....	62
Figura 13 - Conta no Picasa Web do Betamemória com detalhe para a publicação das imagens no Blogger.....	63
Figura 14 - Imagem publicada no Blog Betamemória a partir do Picasa com detalhe para as tags.....	64
Figura 15 - Palavra informada para pesquisa.....	65
Figura 16 - Resultado da pesquisa.....	65
Figura 17 - Pictobrowser como possibilidade para elaboração de um álbum de fotografias sob a tag Vila Siqueira.....	66
Figura 18 - Álbum a partir do pictobrowser com imagens do diário da Masé. .	66
Figura 19 - Revoada de Memórias, nuvem de tags 3D.	67

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: minúcias suaves	12
2. A PESSOA E O ACERVO: emaranhado de ferrovia afetiva	19
3. PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: “...o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” e compartilhamento	27
4. FOTOGRAFIA: pequeníssimas marcas de intensidade	32
5. COMEÇANDO: a rede mundial de computadores	37
5.1 O ESPAÇO DA COLABORAÇÃO: Web2.0	38
5.2 ESPAÇO DO SABER: blog	42
6. AS TRÊS ORDENS DA ORDEM	45
6.1 DOIS ACERVOS: mortal e possível	49
6.2 FOLKSONOMIA: movimentos indomáveis que não obedecem a ordem cronológica ou alfabética	53
7. METODOLOGIA: como foi feito	57
8. O BLOG DO SEU PAULO - BETAMEMÓRIA	59
8.1 GADGETS	64
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERENCIAS	72
ANEXO - Painéis da exposição de Seu Paulo	75
APÊNDICE - Ficha coleta de palavras-chave	76

1. INTRODUÇÃO: minúcias suaves

As estradas de ferro estiveram presentes na minha infância. Minha avó materna morava à beira de uma ferrovia e muitas vezes senti enorme vontade de viajar em um trem. É comum encontrar em trabalhos que abordam questões ligadas à ferrovia autores que sejam vinculados ao tema por possuírem parente que trabalhou em ferrovia ou por serem eles próprios ex-ferroviários. Mas meu interesse em estudar esse tema não se deve a isso, não sou neta ou filha de ferroviário, nem trabalhei com trens.

Há cerca de seis meses, naquela que seria minha última participação oficial como estagiária em exposições promovidas pelo Memorial da Justiça do Trabalho no Rio Grande do Sul - TRT4ªR, um estímulo me aconteceu. A exposição em montagem e inauguração se intitulava “Nos trilhos da memória” e destacava aspectos dos avanços tecnológicos e de capitalismo no País, as relações de trabalho na ferrovia, bem como o papel da ferrovia no Rio Grande do Sul. Além disso, e para mim o mais interessante, a exposição apresentou o abandono atual das ferrovias e a força da memória dos trabalhadores ferroviários.

O local era Rio Grande e, não por acaso, a exposição itinerava por aquelas bandas. A cidade ganhara transporte ferroviário em 1884, inaugurado no dia 2 de dezembro conforme Rebecca Enke, 2005.

Na noite da inauguração da exposição, quinta-feira, 27 de maio de 2010, tive o prazer de conhecer o ferroviário aposentado **Paulo Nilton de Carvalho**, que chamarei carinhosamente de “**Seu Paulo**”. Ele me fez viajar, e na curva dos anos pude ouvir o apito, ao longe, sentir sua saudade.

Ao longo de vinte anos, após ter se aposentado como ferroviário, **Seu Paulo** vem guardando, colecionando, montando um belo conjunto de documentos relativos à ferrovia. Documentos que contam basicamente histórias de trem, desde a invenção da primeira locomotiva até os modernos trens-bala. Trata-se de recortes de jornais, textos, revistas, livros e dentre tanta preciosidade cerca de quatro mil imagens fotográficas. Nesse estudo, centralizaremos a atenção no conjunto de fotografias, que ele guarda com tanto

carinho em pastas na sua “biblioteca pessoal” - a pequena-grande peça - na cidade de Rio Grande-RS.

Ao relatar-me sua iniciativa, guardando tais documentos sobre a ferrovia, pude perceber a importância da preservação da memória ferroviária e quis contribuir nesse feito. Andei caçando o jeito, o objeto e as palavras que irão concluir essa etapa de minha vida ao me formar - Bacharel em Biblioteconomia. Pisando de leve como quem desbrava um túnel no escuro cheio de trilhos, dormente por dormente, juntando os calcanhares um pouco para não tropeçar nos meus próprios passos, outro tanto para ter certeza dos meus pés, que não se trata de apenas um sonho, e ter a enorme esperança de luz no fim do túnel.

Mais tarde então quando pude conhecer a casa de **Seu Paulo**, olhar de perto suas fotografias, percebi que através daquelas imagens, a melancolia em seu olhar e em seus gestos deu vida e cor a uma história de trem, de fumaça, inquietação e ruídos. **Seu Paulo** veio corroborar com a nostalgia despertada pelas locomotivas. Afinal, quem não gosta de trem?

De fato, não pude ouvir o apito do trem, e será que eu ouvi-lo durante este trabalho, aja visto a situação em que se encontra a ferrovia? Esmaecem na memória os trilhos desolados, corre, vagão por vagão, o silêncio do abandono. Em preto e branco, a retratação de um problema exigindo visibilidade, mobilização, algo a ser feito. O presente trabalho, entre outras questões que serão explicitadas a seguir, busca dar visibilidade e valor a esse passado de máquinas e de homens, de estradas de ferro e de ferroviários.

Atualmente as ferrovias encontram-se sucateadas devido à escolha pelo transporte rodoviário por governos brasileiros, sobretudo a partir da década de 1950. Com isso, a ferrovia se transformou em patrimônio histórico ou, em casos piores, em “ruínas da modernidade”. Por ter cumprido um papel tão importante no desenvolvimento do país, é imprescindível que nos ocupemos de manter viva a memória da ferrovia.

Michel Pollak (1992) em seus estudos de identidade compreende a memória não como algo passado e sim como um fenômeno que traz em si um sentimento de continuidade e coerência. Mais que isso, o autor sustenta a idéia de que a memória deve ser entendida, sobretudo, como um fenômeno coletivo ou social, uma vez que a memória individual contém também aspectos da

memória do grupo social ao qual o indivíduo pertence, e está em constante interação com a sociedade. Em outras palavras, a memória é tudo aquilo que construímos e compartilhamos.

Embora muito se fale sobre o impacto das tecnologias de informação e comunicação em nossas vidas atualmente, é preciso considerar que esse acontecimento não é tão recente quanto parece. Lembremos que o desenvolvimento tecnológico teve início no século XIX, com os diversos tipos de meios de transporte e comunicação. A ferrovia se encaixa nesse desenvolvimento tecnológico, pois foi revolucionária, integrando a economia mundial, possibilitando que as mais remotas regiões do planeta se ligassem aos centros industrializados, permitindo o transporte de mercadorias e pessoas em uma quantidade e velocidade nunca antes vistas.

O processo de inovações tecnológicas foi marcado mais tarde, no século XX, com a introdução das chamadas tecnologias digitais e com elas, da rede mundial de computadores. Revolução e tecnologia têm sido palavras-chave na compreensão da contemporaneidade, e não seria diferente para o contexto da Ciência da Informação, no que tange à Informação.

O aperfeiçoamento tecnológico deu ao homem, portanto, a possibilidade de absorver a informação de forma cada vez mais descentralizada. Esse panorama de desenvolvimento tecnológico e amadurecimento dos usuários criaram a base necessária para que utilizássemos a WEB não mais apenas como fonte de informação, mas como local de troca, discussão e criação do conhecimento, passando denominá-la, então, WEB 2.0.

Foi paralelamente ao amadurecimento da WEB para a WEB 2.0 que observamos o blog deixando de ser uma ferramenta utilizada em sites simplesmente para postagens em ordem cronológica, passando pelo status de diário pessoal para tornar-se a ampla ferramenta de comunicação que conhecemos hoje.

Os agrupamentos mais soltos e imperfeitos, em nível local, tornam-se mais verossímeis, pois mantêm significados implícitos da desafiante descrição. A complexidade constitui-se como o melhor cenário, de acordo com David Weinberger (2007), porque finalmente nos conduz ao conhecimento que não é unidirecional.

As possibilidades da *terceira ordem da ordem* nos conduzem por um caminho solucionável perante o problema geral da confrontação da minha intensidade (articulando informação, tecnologia e memória) com as intensidades externas (a dos outros), uma vez que ela possibilita o hiperlink, a etiquetagem, ligando diferentes conceitos a um mesmo objeto.

Nesta rede siliciária de tecnolocomotivas, ciberestações, betamemórias e miscelâneas ilimitadas, um blog nos livra a memória e a história ferroviária dos átomos de papel e saís de prata para ganhar nova vida? Um blog reelabora aquilo que se pode extrair de uma cultura? Um blog reestrutura as suas memórias sem mais ordem do que o sacolejar do trem? Constrói significados como arte de conexão e de experimentação?

De que maneira os interesses, as paixões e os sonhos estão “escondidos” no modo como o **Seu Paulo** desenha o caminho das suas memórias na fotografia a partir da folksonomia? Um blog afinal é, e se presta, a esse “papel” sobre o qual range o trem da memória? Um blog faz possível registros hipertextuais de uma passagem por trilhos, a perder de vista?

O maior desafio, para os dias de hoje, é convivermos com o movimento entre o tridimensional e o nulodimensional apresentados por Vilém Flusser (2008). O nulodimensional seria a mais contemporânea das dimensões que o homem utiliza para entender a vida, o espaço e as coisas do mundo. As mudanças ocorridas nas formas de comunicação transformam o nosso modo de pensar e gerar conceitos. O ir e vir pelos trilhos de ferro, os saberes culturais que transitam nesses caminhos, entre o tridimensional e o nulodimensional, reflete não só os sonhos, crenças, anseios, conflitos de uma importante parcela da sociedade, que são os ferroviários, como também possibilita às modernas gerações uma nova leitura de mundo. Uma nova maneira de construção do conhecimento.

As novas formas de estruturação e organização possíveis com o advento da WEB 2.0 nos permitem analisar a subjetividade humana, uma vez que temos um lugar de participação, criação e produção coletiva capaz de, na sua essência, estabelecer a extensão das memórias de um homem, de uma sociedade. Sendo assim, é extremamente importante a compreensão de como o homem reagirá frente a tantas novas maneiras de significar e de, conseqüentemente, informar-comunicar.

Ao defender o blog como ferramenta de preservação da memória, os estudos da Ciência da Informação dão luz à relevância das novas tecnologias para a construção do conhecimento. Viabilizar que informações de um acervo particular se transformem em outro acervo, um acervo digital, visíveis mundialmente através do blog significa manter tais informações em fluxo permanente, vivas, dinâmicas, em constante releitura. É dar outra vida àquele acervo que estaria estanque, distante de todos entre quatro paredes. É o que podemos chamar de estado **beta da memória**, ou seja, a memória como algo eternamente em desenvolvimento. Na informática, a versão beta é a versão de um produto (geralmente software) que ainda se encontra em fase de desenvolvimento e testes. Uma vez que lançamos luzes interpretativas sobre a nova ordem da ordem, sobre uma *betamemória*, cumprimos nossa missão de tentar entender a emaranhada rede de significados envolvida na organização do pensamento.

A folksonomia é uma maneira de indexar informações. Seu ponto forte é a sua construção a partir da linguagem natural da comunidade que a cria. Enquanto na taxonomia clássica, primeiro são definidas as categorias do índice para depois encaixar as informações em uma delas (e em apenas uma), a folksonomia permite a cada usuário da informação classificar com uma ou mais palavras-chaves, conhecidas como tags (em português, marcadores). Considerando que a folksonomia, não apenas utilizada no contexto dos blogs, é algo novo no contexto da WEB, faz-se necessário desenvolver pesquisas sobre as possibilidades dessa nova forma de participação do usuário. Conhecer essas etiquetas e suas características ajudará a compreender a organização da informação na WEB 2.0.

É nesse espaço de ida e volta, nesse lugar de tensões entre os diferentes modos de “criar” informação, reduzindo ou ampliando, no movimento entre o nulo e o tridimensional, que se encontram as fotografias de **Seu Paulo** e o **Blog do Seu Paulo**. O bidimensional seria a dimensão das fotografias em papel e o nulodimensional seria a dimensão das imagens digitais.

Os Objetivos do trabalho foram, em primeiro lugar, preservar as informações e memórias despertadas através da fotografia com a migração do suporte, e, em segundo lugar, criar um blog como ferramenta capaz de preservar tais informações na medida em que possibilita a construção coletiva

do conhecimento. O presente trabalho propõe, portanto, um estudo da folksonomia para a descrição de fotografias. Pretende identificar as características de um “vocabulário descontrolado” capaz de desenhar uma revoada de memórias explorando imagens. Como estudo de caso, foca-se na folksonomia gerada por **Seu Paulo** e um grupo de ferroviários aposentados, para descrição das fotografias disponibilizadas em um blog. Para tanto, fez-se necessário viabilizar a criação de um blog como ambiente WEB 2.0, onde as imagens pudessem estar expostas e tais fenômenos pudessem acontecer.

O blog seria o resultado dos processos de reestruturação da memória coletiva dos ferroviários através do conjunto de imagens, otimizando seus recursos pela imaterialidade da WEB 2.0 e construindo efetivamente um estado beta de memória, se ela é o que podemos criar e compartilhar. Pensar o blog como uma ferramenta de preservação é, assim como o trem, partir em movimento intenso, escapar dos assentamentos em temporalidades e lugares seguros. É querer uma outra humanidade, tecida de matéria-fluxo impalpável, intimamente relacionada às redes informacionais das novas tecnologias de comunicação e informação.

Dessa forma, abro meu peito para conhecer a vida de quem já percorreu esses trilhos, quem esperou o trem em estações hoje destruídas, a cada ida, retorno, reencontro com a família ou descarregamento dos produtos no armazém... Quero experimentar sensações, teorias, técnicas, equipamentos, significações, mecânica, física, química, informática, comunicação; Quero o *espaço do saber* descrito por Pierre Levy, 2003, a linha que ligará passado e presente, mostrando o valor de cada um.

O trabalho tem início com a apresentação da história de **Seu Paulo** e da coleção de documentos que ele vem reunindo e que servirá de ponto de partida para o presente estudo. Depois disso, apresentaremos o conceito de patrimônio e memória, buscando estabelecer a base necessária para compreendermos o capítulo seguinte, que tratará sobre a fotografia. Nesse quarto capítulo, será retratada a fotografia como meio para despertar sentimentos relacionados ao passado e à memória. No quinto capítulo, analisamos a WEB e sua evolução para o que conhecemos como WEB 2.0., além de definir o conceito de blog para este trabalho. Os últimos três capítulos destinam-se a diferenciar o acervo analógico do digital, bem como as

concepções da Taxonomia e da Folksonomia. Apresenta-se ainda a metodologia utilizada na produção do produto deste estudo - o Blog do **Seu Paulo**, chamado Betamemória -, apresentando sua idéia geral, objetivos, estrutura, além das ferramentas e demais recursos utilizados.

2. A PESSOA E O ACERVO: emaranhado de ferrovia afetiva

Paulo Nilton de Carvalho foi um homem que viveu e acompanhou de perto o que foi a Ferrovia. Nascido na localidade de João Arrégui, pertencente ao 5º Distrito de Uruguaiana, em 15 de outubro de 1936, é filho de ferroviário. Segundo ele, ao sair do hospital, sua casa foi um vagão de trem desativado, onde morou durante os seis primeiros meses de vida. Nas palavras dele “naqueles meses fui contaminado pelos germes da Ferrovia”.

O pai de **Seu Paulo**, **Oberici de Carvalho**, era Agente e morava na Casa de Moradia da Estação de João Arrégui, que naquele período passava por reformas. Por isso, na ocasião **Paulo** teve de viver em um vagão desativado por seis meses. Após a reforma, sua segunda casa foi então a Casa de Moradia da Estação João Arrégui.



Figura 1 - Paulo no colo da mãe com seis meses, na mudança para nova casa na Estação de João Arrégui, 1936.

Morou ali por dez anos. A localidade de João Arrégui não tinha escola, e por isso **Seu Paulo** aprendeu a ler e escrever com o próprio pai. Após conhecer o alfabeto, **Obereci** lhe ensinou ainda o código Morse.

E assim, de infância dormindo o sono dos sinos de trens que naquela estação passavam, no caminho velho de ferro, **Seu Paulo** conheceu as letras e o telégrafo, conhecia o mundo a sua volta. Códigos de interrompidos fios, linhas duras, seguindo sempre a cadência das batidas de seu coração, muitas vezes confundidas com o barulho do trem.

Quando o pai foi transferido para a Estação Tupintuba, na linha São Luiz Gonzaga – Santiago, **Seu Paulo** pode entrar na escola. Foi nesse mesmo local

que, no final da década de 40, **Seu Paulo** começou a acompanhar o pai na estação, vendendo bolos e biscoitos confeitados por sua mãe aos passageiros que por lá circulavam. Foram dias de muita aventura entre os tantos trens, indo e vindo, transportando pessoas das mais diferentes localidades.

Em 1953 foi transferido para a Estação Pedreira, em Santa Maria. Foi então que, aos dezessete anos, **Seu Paulo** entrou para o Departamento de Obras Novas da Viação Férrea do Rio Grande do Sul como **ajudante de carpinteiro**.

Em 1954, **Seu Paulo** foi transferido para Arroio do Só, onde exerceu atividade de **Guarda Freio**. Logo depois, em 1956, passaria a ser **Praticante de Telegrafista** – ou como ele chama: **aprendiz de pica-pau** –, atividade que desenvolvia sem remuneração, trabalhando oito horas por dia. Em março de 1959, passou no teste e começou a atuar oficialmente como **Telegrafista**. Trabalhava na Estação Ipê da linha Santa Maria – Rio Pardo, onde conheceu **Péricles**, irmão de **Maria José**, que viria a ser sua esposa.

Péricles trabalhava na estação vizinha e, no dia **05 de julho de 1954**, convidou **Seu Paulo** para um almoço. **Paulo** não quis aceitar, pois sabia como era difícil a vida de ferroviário e que nem sempre eram bem-vindas essas visitas surpresas no almoço. Contudo, aceitou o convite do amigo. Foi só depois, mais tarde, descobrir que não se tratar de tanta surpresa assim, afinal, **Péricles** tinha uma irmã mais velha que ainda estava solteira e que, para a felicidade de **Seu Paulo**, era uma linda e adorável moça.

Após conhecer **Masé**, como a chama carinhosamente, **Seu Paulo** ficou dois anos entre namoro e amizade, olhares que iam e vinham pela janela do trem. Cultivaram um lindo namoro de estação.



Figura 2 - Fotografia de Paulo e Maria na Estação Restinga Seca. 1960. Escritos no verso.

Foi então, em uma viagem até Santa Maria, que **Seu Paulo** convidou **Masé** para tomar um refrigerante no carro restaurante e *a pediu em namoro*. Foram tempos de longas conversas na sala da casa dos pais da moça. O namoro durou dois anos. **Casaram-se em 26 de outubro de 1963** e, às vinte horas, pegaram o trem noturno, onde passaram a lua-de-mel em gabiñe alugada por **Obereci**, como presente de casório.



Figura 3 - Paulo e Maria no casamento em Santa Maria, 1963

A lua-de-mel teve resultado e, depois de nove meses, em **25 de agosto de 1964** nasceram as filhas gêmeas **Carmem** e **Marcia**. Em **25 de novembro de 1965**, nasceu a terceira filha, **Claudionara**, e em **21 de dezembro de 1966**, a quarta filha, **Maria Cristina**.

E foi no mesmo dia em que o telégrafo foi substituído pelo telex, em **26 de janeiro de 1971**, que **Paulo** teve seu primeiro filho homem, **Nilton Cezar**. Após o nascimento do filho, foi transferido para Cruz Alta, onde passou a ser **Controlador de Trem** na linha Marcelino Ramos – Passo Fundo. Mas tarde, em 1974, tornou-se **Programador de Trem**.

Seu Paulo ascendeu na carreira ferroviária em 1986, quando passou a ser **Supervisor de Movimento de Trem**, chefiando **o coração da circulação de trens** no tronco Rio Grande, para onde se mudou com a família depois de viver por dez anos em Cruz Alta. Finalmente, em **março de 1990**, **encerrou sua carreira com 36 anos e 6 meses de serviço**.



Figura 4 - Paulo com maquinistas em Cacequi durante a viagem de aposentadoria em 1990.

É possível perceber que os anos passados na Ferrovia por **Seu Paulo** se confundem com sua própria existência. Durante toda essa longa trajetória pela Ferrovia, **Seu Paulo** reuniu documentos que lhe pareciam de extrema importância. Pequenos pedaços de tempo, vestígios do que foi a sua vida. Assim nasceu seu pequeno Acervo Documental.

Constituído de documentos acerca da Ferrovia, mas que contemplam também acontecimentos da sua vida, o acervo de **Seu Paulo** é o que ele considera seu patrimônio, considerado por ele o mais importante na vida. Suas memórias, como ele diz **“É o que se leva dessa vida”**.

Podemos ilustrar aqui sua relação com a coleção de Gibi Tex Willer, traduzidos para o português, que ele guarda com todo carinho até os dias de hoje. O Tex foi criado em 1948 e originalmente publicado na Itália. A circulação desse Gibi no Brasil ocorria, principalmente, dentro dos vagões e, foi a partir do Tex, que **Seu Paulo** conheceu o mundo da literatura. **Seu Paulo** conserva a coleção desde seu primeiro número lançado no Brasil até o número mais atual, visto que o Gibi ainda está em circulação.

Dessa maneira, temos um acervo formado por diversos documentos, como recortes de jornais, fotografias, documentos oficiais (como certidão de nascimento e carteira de trabalho) além de livros, filmes. De maneira geral, contam a história da Ferrovia, mas contam também a sua história de vida. Ou seja, olhando para esse conjunto documental, percebemos a simbiose do

curador com sua coleção. Ferroviário apaixonado, **Seu Paulo** dedicou-se a reunir os diversos documentos que tratassem da Ferrovia. Nesse feito, além do contato pessoal com ferroviários e suas famílias, participou e, ainda participa, de encontros com os Sindicatos e demais Entidades ligadas ao meio. Tal interação possibilitou a reunião de um belo conjunto de fotografias, ao qual sempre deu destaque, afinal foram as fotografias que sempre acompanharam os relatos orais que testemunhou.



Figura 5 - Fotografia do Acervo de Seu Paulo. Locomotiva sendo descarregada no porto de Rio Grande em 1937.

A justificativa para o nosso Estudo de Caso ter como base o acervo de **Paulo Nilton** fundamenta-se, essencialmente, na iniciativa deste homem em reunir um substancial conjunto de fotografias sobre a Ferrovia. Mais do que isso, **Seu Paulo** criou uma exposição itinerante após ter se aposentado. Fazem parte dessa exposição fotografias que contam a história da Ferrovia em trinta e dois painéis. Distribuídos conforme ANEXO.

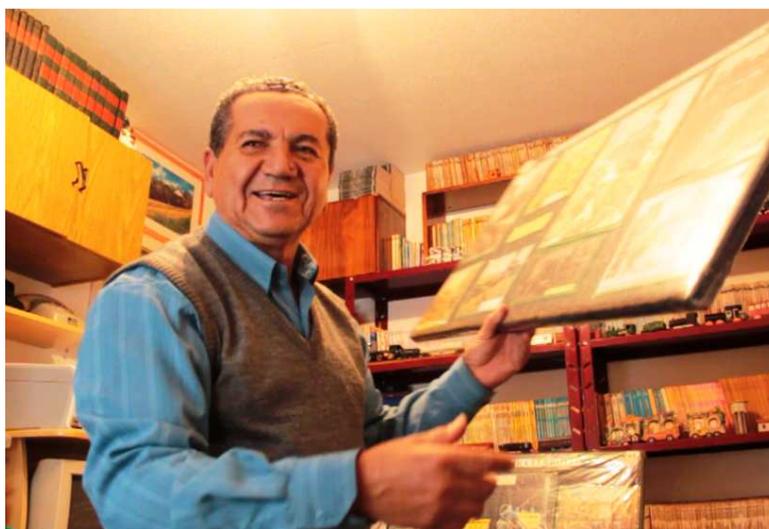


Figura 6 - Paulo Nilton em sua biblioteca pessoal segurando um dos painéis da exposição “Nos Trilhos da História”. Ao fundo sua coleção de gibis, agosto de 2010.

Durante as visitas que fiz a **Seu Paulo**, em entrevistas, ou até conversas despretensiosas com o gravador ligado, pude conhecer sua casa, olhar de perto suas fotografias. Tais documentos apresentam detalhes aparentemente irrelevantes que, quando analisados com atenção, mostraram-se como uma grande oportunidade para melhor compreender uma realidade discreta, oculta pelos conceitos de preservação que são vigentes na atualidade.

Seu Paulo tem o hábito de escrever, rabiscar, sinalizar no verso das fotografias aspectos que lhe pungem à memória; por vezes, anotações muito divertidas, sobre um passado distante. Na capacidade que **Seu Paulo** desenvolveu de contar histórias durante os vinte anos em que vem carregando seus trinta e três painéis pelos mais diversos lugares, inclusive fora do Estado, o ferroviário construiu essa memória viva dentro de seu peito, que precisa ser compartilhada.



Figura 7 - Detalhe no verso da fotografia escrito por Seu Paulo.

Seu Paulo desbrava uma linha de memória e a faz proliferar em movimento de exaltação, em seus excessos de significação. Encontramos, assim, um colecionador criterioso e detalhista, convicto de que tudo pode ser uma linda história e nada deve ser deixado no esmaecimento do tempo. Percebe-se, dado o conteúdo dos documentos ali reunidos, uma confusão, uma ordem de miscelânea, entre público e privado. Encontramos, por exemplo, fotos do nascimento de suas filhas junto a fotos que relatam o surgimento de estações. Tal confusão é da ordem da lembrança, da memória, ou da perversão da memória, sempre carregada de emoções.

A oportunidade de preservar tal acervo fotográfico e suas significações através de um blog surgiu durante a atividade de Introdução ao Projeto de TCC. Decidimos, então, minha orientadora e eu, pensar de que maneira isso poderia ser feito. No decorrer de tal atividade, durante o levantamento de literatura da área, surgiu a possibilidade de utilização de um blog como ferramenta capaz de preservar tal memória. Cabe ressaltar, ainda, que **Seu Paulo** demonstrou interesse em ter um blog para seu acervo, visto que todos aqueles que conhecem sua atividade e a valorizam sempre lhe perguntam se ele possui um site. Dessa forma uniu-se o útil ao agradável.

É importante frisar que o acervo de **Seu Paulo** é pouco conhecido e há uma grande quantidade de aficionados por trens espalhados na WEB. É o que podemos chamar de blogosfera do trem, da qual seria de extrema importância que **Seu Paulo**, seu acervo e suas memórias fizessem parte. Além disso, como já foi mencionado, são conhecidas as limitações encontradas em um acervo tridimensional.

Ao mesmo tempo, porém, de nada adiantaria apenas digitalizar e colocar tais fotografias na rede. Há uma riqueza de informações dispersas na revoada de memória de **Seu Paulo** que necessitam acompanhar as fotografias nesse trem para as estrelas. **Seu Paulo**, nesse sentido, serve como agente na identificação e descrição dessas fotografias para que, posteriormente, possam ser descritas por demais atores do cenário Ferroviário.

Nesse contexto, o blog **Betamemória**, que se apresenta como produto deste TCC, será a ferramenta que irá tirar as fotografias de **Seu Paulo** do esmaecimento e, mais do que isso, potencializar o conhecimento coletivo. Trata-se de trazer à superfície memórias “que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível” (POLLAK, 1989: p. 3-15), dando vida ao que Pollak denominou “memórias subterrâneas”.

As fotografias do acervo de **Seu Paulo**, ao serem transportadas para um ambiente digital livre e coletivo como a WEB, seguem esse caminho de memória transformada. Afinal, elas poderão ser vistas como fonte para a constituição dos referenciais identitários de determinado grupo.

A proposta de um blog como ferramenta de preservação da memória ferroviária nos oferece possibilidades de articulação entre dois mundos paradoxos. O primeiro, o acervo de **Seu Paulo**, que é palpável, tem limites, é

organizado por sistemas de proximidades geográficas, feito de matéria, átomo, sendo pertencente à *primeira ordem da ordem*. O segundo mundo, assim como a WEB 2.0, é co-presença, é rede complexa de significados e sentimentos, é nuvem, é estar em um ponto e ao mesmo tempo em todos os outros e que, assim como o trem, desloca-se em velocidades altíssimas.

Dessa forma, o blog será um “não-lugar” de metamorfoses da memória, será além, será o surgimento de um novo identificar-se, que facilitará a expressão de singularidades e a confecção de laços sociais através da aprendizagem recíproca e da livre navegação dos saberes (LÉVY, 1999, p.196).

3. PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: “...o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” e compartilhamento

Podemos falar em patrimônio pensando, primeiro, em patrimônio no sentido de bens materiais que herdamos de nossos antepassados, que seriam, por exemplo, uma casa, um carro; e segundo, em patrimônio no sentido de herdar tudo que não seja material, que seriam, por exemplo, os ensinamentos, os valores culturais, os modos de viver que nos foram passados, uma receita de família; ou até mesmo bens materiais de pouco valor comercial, porém grande estima sentimental e emocional, como uma foto antiga ou um bilhete.

Desde o século XX, quando a memória social começou a ser estudada de forma sistemática por várias áreas do conhecimento, enfrentamos um caráter exploratório acerca de seu funcionamento. Jô Gondar confirma esse pressuposto em seus estudos: “(...) o conceito de memória social não pode ser formulado em moldes clássicos, sob uma forma simples, imóvel, unívoca. Pensamos, ao contrário, que se trata de um conceito complexo, inacabado, em permanente processo de construção.” (2005, p.7)

Durante muito tempo, a memória foi entendida como algo sublime que elevava os mortais ao mundo das divindades, basta lembrar da deusa Mnemosine. Platão defendia uma idéia de memória que não era individual nem social, mas uma memória como ferramenta capaz de tornar o homem eterno.

No fim do século XIX, os homens puderam admitir que a memória é algo que “eles mesmos constroem a partir de suas relações sociais – e não a verdade do que passou ou do que é.” (GONDAR, 2005, p.18). Foi com o surgimento do sujeito, durante a modernidade, que se percebeu a dimensão da memória, ou seja, ela é uma construção humana.

Longe de trazer respostas, a autora instiga-nos a questionar os conceitos vigentes sobre memória. Para esse estudo, irei fundamentar-me, no que tange ao conceito de memória, essencialmente na terceira preposição de Gondar: a de que a memória é uma construção processual. Jô Gondar afirma que, para os dias de hoje, a memória é aceitável como uma construção, pois a memória “não nos conduz a reconstituir o passado, mas sim a reconstruí-lo com base nas questões que nos fazemos, que fazemos a ela, questões que

dizem mais de nós mesmos, de nossa perspectiva presente, que do frescor dos acontecimentos passados” (GONDAR, 2005, p.18).

Na tentativa de compreender a memória não como algo passado e sim como um fenômeno que traz em si um sentimento de continuidade e coerência, podemos resgatar os estudos de Pollak (1992) sobre a identidade. Para Pollak, a identidade é como a imagem adquirida pela pessoa ao longo da vida, trata-se de como ela se mostra aos outros e a si, o que ela acredita ser e que quer que os outros também acreditem.

A identidade do ferroviário se representa através de sua memória, quando são narradas suas histórias e lembrado o seu trabalho. Os ferroviários se reconhecem e se revelam aos outros como telegrafista, maquinista, supervisor de trem e outras tantas funções assumidas ao longo da vida junto às ferrovias. As relações que estabelecem com a locomotiva, com os uniformes, com suas atividades e com os valores que atribuem à prática e ao saber marcam as linhas pelas quais se constituem a identidade ferroviária. Junto a isso, existe o sentimento de pertencimento e o orgulho de fazerem parte de um mesmo grupo. Dessa forma, tem-se uma identidade capaz de estabelecer laços na maneira de pensar, refletir e reconstituir a memória. O estabelecimento de relações entre a consciência de tempo e a construção da memória em Pollak pode ser percebido quando este faz aproximações entre o presente, o passado e a identidade.

Pollak, em suas referências históricas, nos remete à idéia de que as experiências de uma pessoa, as datas da vida individual e as da vida coletiva vão ser misturadas e entrelaçadas. De alguma forma, na história de vida de uma pessoa coexistem tempo presente e tempo passado, vida privada e vida pública, como anuncia (1992, p.201):

[...] Quando fizemos entrevistas com donas de casa da Normandia que passaram pela guerra, pela Ocupação, pela Libertação etc., as datas precisas que pudemos identificar em seus relatos eram as da vida familiar: nascimento dos filhos, até mesmo datas muito precisas de nascimento de todos os primos, todas as primas, todos os sobrinhos e sobrinhas. Mas havia uma nítida imprecisão em relação às datas públicas, ligadas à vida política.

Tratam-se de pequenos movimentos indomáveis que não obedecem a ordem cronológica dos fatos. Sendo assim, as histórias de vida carregam o que Pollak denominou *algo de invariante*. Em relatos de seus entrevistados, percebia-se esse componente em constante repetição. Variavam as histórias, mas este, em especial, não variava. Ele apresenta tal elemento como algo que se torna parte da própria essência da pessoa, torna-se assim realidade.

Confirma-se a idéia de que a memória é uma construção baseada na solidificação de acontecimentos compartilhados. Vista pelo aspecto individual, seria aquilo que no caminho da construção da memória acaba se misturando com aspectos sentimentais, projeções do que às vezes gostaríamos que tivesse sido, mas de fato não foi. O que podemos chamar então de pequenas perversões da memória. Uma vez que os acontecimentos podem não só dizer respeito a acontecimentos reais, empiricamente fundados em fatos concretos, como podem tratar de projeção de outros eventos. Conforme o autor: “O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”. (POLLAK, 1992, p.5)

Podemos dizer que as possibilidades da memória estão nesses dois elementos: o real e o simbólico. Mas, sobretudo no simbólico, uma vez que só é real conforme nossas percepções, sempre simbólicas. É exatamente esse processo de construção da memória que entendemos como sendo uma perversão da memória, não no sentido violento da palavra, mas no seu sentido livre e criativo, cognitivo. Além, o processo de perversão é um processo de organização.

Concebemos então que, segundo o autor, a memória deve ser entendida, sobretudo, como um fenômeno coletivo ou social, uma vez que a memória individual contém também aspectos da memória do grupo social ao qual o indivíduo pertence, e está em constante interação com a sociedade.

A memória então assume seu caráter coletivo: lembrar não é apenas recordar imagens e valores individuais, mas vinculá-los a valores mais amplos, que indicam o sentido de pertencimento do indivíduo que recorda. Não se trata apenas de herdar bens, mas que este bem é ligado à consciência coletiva, articulando-se intimamente com a memória e os grupos sociais. Se o patrimônio individual depende apenas de nós, dos julgamentos do Eu - sobre o que é ou não é importante a ponto de ser para sempre guardado, para sempre

lembrado -, o patrimônio coletivo é definido e determinado de maneira mais distante do Eu.

Para que exista um verdadeiro sentimento de patrimônio na coletividade é necessário que o sujeito, ao lembrar algo ou alguma coisa de seu passado, crie vínculos com o mundo a sua volta, dê significado à esse objeto sobre o qual ele se debruça. Ao serem construídos significados, que irão ser atribuídos às experiências vividas, o sujeito constitui a sua forma de agir, de sentir, de ver, e a sua forma de ser em relação a tudo o que seja importante para ele. É o significado que aproxima o objeto observado ao mundo em que ele vive. O objeto para o qual esse sujeito olha tem de refletir a sua percepção sentimental frente a sua memória. Quando isso não acontece, não há sentido no objeto contemplado e, conseqüentemente, ele não é visto como um patrimônio.

Nossa produção de saberes sociais, coletivos e culturais está intimamente relacionada ao conceito de memória. Ao compartilharmos nossas formas de viver e compreender o mundo com novas gerações, de tempos em tempos, (desde o homem das cavernas até o homem atual) através dos registros, estamos produzindo patrimônio. Ao falarmos em maneiras de registrar e comunicar memórias, cabe explicar a “escalada da abstração” de Vilém Flusser (2008), em que o autor apresenta os quatro processos de comunicação: comunicação tridimensional (gestos do corpo), comunicação bidimensional (imagem), comunicação unidimensional (escrita) e comunicação nulodimensional (digitalização).

O autor percorre a “evolução” dos modos de comunicação do homem pontuando que, nas remotas origens, a espécie humana se comunicava com o corpo, com gestos, sons, odores, movimentos. Tratava-se da comunicação tridimensional, que era baseada em volumes, no concreto. A percepção de espaço era completamente diferente da que estamos construindo hoje. Comunicar significava manipular, utilizar as mãos, dar forma a estátuas, a utensílios, in’formar’.

Quando o homem começou a utilizar objetos como suportes, sobre os quais deixava sinais, nasceu o mundo das imagens, da comunicação bidimensional. Algumas imagens se transformaram em pictogramas e depois em ideogramas e depois em letras, inaugurando o mundo da escrita, da comunicação unidimensional, do traço e da linha. O pensamento se construía e

comunicava conforme a estrutura das imagens. O papel da visão nesse estágio é de suma importância. Olhar era ter a capacidade de, em um segundo momento, manipular. Fazer imagens significava fazer modelos para uma ação, fixar, representar idéias para posteriormente colocá-las em prática. A partir da imagem podia-se abstrair a profundidade da circunstância como afirma o autor: “A imagem tradicional é produzida por gesto que abstrai a profundidade da circunstância, isto é, por gesto que vai de concreto rumo ao abstrato.” (Flusser, 2008, p.19).

Segundo Flusser, a profundidade da circunstância é uma condição de tempo, lugar ou modo associado a um fato ou situação. E abstrair a profundidade da circunstância a partir dos objetos concretos é criar cenas que representam circunstâncias palpáveis. Vemos, então, os dedos como agentes fundamentais. As mãos, orientadas pelas imagens, irão agir sobre a circunstância palpável. O texto representa, conta, concebe uma cena imaginada. A imagem nunca será igual à circunstância palpável. Ela é sempre uma cena, um recorte, uma representação. Contudo, isso não significa que ela não seja real, afinal, ela existe, mesmo que apenas dentro da nossa mente.

O ultimo “degrau”, descrito por Flusser, será o desenvolvimento das tecnoimagens. Chega-se então ao mundo da comunicação nulodimensional, uma vez que as imagens técnicas, produzidas por aparelhos, nada mais são que uma fórmula abstrata, um algoritmo, um número. É o caso das imagens digitais, uma vez que são a interação de processos físico-numéricos.

O autor nos faz observar a importância da teia de vínculos na qual estamos envolvidos quando falamos de processos comunicativos, sejam tridimensionais ou nulodimensionais. Compreender a informação nos dias de hoje significa percorrer os diferentes modos de abstrair que vão do estado tridimensional ao nulodimensional. A definição de informação precisa abranger diferentes tipos de documentos, independentemente de seus suportes. Abstraindo (subtraindo) dimensões, o autor nos mostra que iremos “tomar distância do concreto para poder agarrá-lo melhor”. (Flusser, 2008, p.18.).

4. FOTOGRAFIA: pequeníssimas marcas de intensidade

Desde a metade do século XIX, com o seu surgimento, a fotografia tem se revelado um objeto de discussão polêmico acerca de sua capacidade representativa. Passaram-se quase 200 anos desde o seu surgimento e ela, ainda hoje, parece apresentar conteúdo para debates. Atualmente, frente ao desenvolvimento de diferentes tecnologias, as imagens digitais apresentam-se como um intrigante ponto a ser compreendido.

Suponhamos que daqui muito tempo, em uma galáxia perdida não mais existissem ferroviários. Suponhamos ainda que a palavra “trem” nada significasse para os novos seres, pois nesse futuro, o deslocamento no espaço se dá pelo pensamento e não mais por pernas, nem cavalos, nem carros, nem trens, nem aviões. O pensamento que os levaria a qualquer lugar se chamaria, assim, tele-transporte. E suponhamos ainda, que esses seres tão evoluídos encontrassem, em uma escavação, um computador repleto de arquivos de imagens, ou mesmo uma caixa preta cheia de fotografias e que, através dessas imagens, eles pudessem conhecer o que foi o nosso tempo, quando ainda existiam os trens e os ferroviários. Essas imagens contariam a eles quem foram esses trabalhadores. E caso encontrassem fotografias de acidentes causados por trens, chegariam à conclusão de que foi muito positiva a extinção dessa espécie de transporte tão perigoso. Ou, do contrário, caso encontrassem fotografias das vilas ferroviárias cheias de vida, suas casinhas sempre muito lindas, com flores na janela, crianças a brincar pelos pátios, e a alegria no olhar dos maquinistas ao chegarem depois de uma longa jornada de trabalho, então esses seres evoluídos dessa galáxia perdida pensariam como foi feliz o nosso tempo e lamentariam o seu fim.

Imaginar um tempo futuro onde fotografias revelem histórias passadas nos provoca questionamentos sobre o poder da imagem. Teriam as fotos o poder de contar, de revelar histórias de vida? Esse poder varia de acordo com o suporte? O que informa mais: a foto analógica, a imagem digital ou a pintura, os desenhos das cavernas? A imagem é capaz de fixar uma fração de segundo do tempo, de um acontecimento qualquer e torná-lo visível e “acessível” para o futuro, para olhos distantes do presente, como se esses espiassem por uma janela capaz de conectar tempos e situações diferentes.

É preciso que nos perguntemos, nesses caminhos cheios de curvas, ora de horizonte visível, ora de mínima visibilidade, para onde nos leva afinal a fotografia? De um lado, um horizonte diminuído por uma montanha e, de outro, um horizonte apontando o mar. Se, por um lado, a imagem fotográfica nos enche de certeza, uma vez que ela é um índice da realidade; por outro, ela nos dilacera em inacabáveis incertezas possíveis, conforme os olhos de quem a vê. Trata-se da dualidade conflitante da fotografia. De um lado, ela é vestígio do real, de outro é mistério cheio de possibilidades naquilo que silencia. Uma vez que ela silencia, possibilita diversas interpretações.

Dentre tantos trabalhos que buscam elucidar algumas das intrigantes questões trazidas pela fotografia, destaca-se “A câmara clara” (BARTHES, 1984). Roland Barthes tenta alcançar o que ele próprio chama de a “*essência da fotografia*”. Segundo o autor, podemos entender a fotografia distinguindo dois elementos: o *studium* e o *punctum*. No primeiro, *studium*, temos a intenção do fotógrafo ao produzir a foto, é o óbvio, o proposital. O segundo elemento, denominado *punctum*, segundo o autor, é onde se encontra todo o “poder” da fotografia e é no qual iremos focar nossas reflexões:

essa palavra me serviria em especial na medida em que remete também a idéia de pontuação e em que as fotos de que falo são, de fato, como que pontuadas, às vezes até mesmo mosqueadas, com esses pontos sensíveis; essas marcas, essas feridas ... (BARTHES, 1984, p.46)

Ao mesmo tempo o autor define o *punctum* como “*Uma espécie de vínculo umbilical que liga ao meu olhar o corpo da coisa fotografada.*” (BARTHES, 1984, p.121). Ou ainda, “*não sou eu que vou buscá-lo, é ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar*” (BARTHES, 1984, p.48). Entendemos que esse seria o aspecto “real” no *punctum* da fotografia definido por Barthes.

Trata-se de um indomável e quase que imperceptível detalhe da fotografia que, por algum motivo, atinge o “*sujeito que olha*”, em outras palavras, “*isso puxa meu olhar*”. Algo de sentimento encontra-se com a memória, ao visualizar uma fotografia ou imagem. Uma melancolia? Algo que

existe na fotografia em forma de *punctum*, pois punge dentro de mim, fere e me faz perceber minha perversão de memória, como um sonho confuso do que aconteceu.

A imagem fotográfica, ao adentrar a mente do observador através dos sentidos, ultrapassa o objeto que representa, pois existe em cada um de nós uma carga de emoção variável. A imagem fotográfica deixa de ser um vestígio e uma representação da realidade para se tornar uma percepção da realidade, embasada no processo de significados que os homens atribuíram as suas vidas, individuais ou sociais. Dessa maneira, a folksonomia se mostra como importante ferramenta na descrição de imagens uma vez que é quase impossível afastar aspectos subjetivos e emotivos ao falarmos em imagens.

Podemos então, tratar do *punctum* para esse trabalho ao afirmarmos: “Nessa fotografia o trem veloz, carregado de sentimentos, explode, rasga, parte da foto e me atinge em cheio”, traçando uma linha de encontro com o poema de Adélia Prado:

*Um trem-de-ferro é uma coisa mecânica,
mas atravessa a noite, a madrugada, o dia,
atravessou minha vida,
virou só sentimento.*

A fotografia tem essa coisa de mecânica, de máquina, físico, químico, o concreto e ao mesmo tempo é só sentimento. Com isso, dependendo dos estímulos causados pelo *punctum* em nosso espírito, estaremos quase que imperceptivelmente, interagindo com as fotografias num processo de recriação de situações conhecidas ou jamais vivenciadas, chegando à perversão da memória.

O autor afirma ainda que toda foto apresenta um objeto que existiu concretamente em um determinado local, em um determinado momento. Ou seja, foi preciso que alguém ou alguma coisa, o objeto, estivesse diante da objetiva, e a luz que dele refletiu sensibilizou os grãos de prata, formando assim a imagem em um suporte fotossensível. O **“isso foi”** se deve ao rastro indicial existente na fotografia. Ela pode ser percebida como vestígio da

realidade, pois - como dizia Barthes, sublinhando seu caráter tautológico - ela é seu reflexo ou sua gravação.

Segundo Francisca Michelon (2008, p.12) “A fotografia pode negar ou afirmar a nossa lembrança”. A autora defende a idéia de que quanto maior o vínculo afetivo com o que a foto mostra, mais intensa será essa afirmativa ou negação. Quantas vezes nos surpreendemos com uma fotografia antiga e nos perguntamos “foi assim?” Se a fotografia é um índice do real, porque duvidamos dela? Porque, quanto mais afetiva e “pervertida” for nossa lembrança, mais forte será nossa negação de tal memória. Da mesma forma, quanto mais neutra a fotografia é no que ela nos mostra, maior será a certeza de que ela é índice, de que ela é verdade.

Como afirma Michelon (2008, p.13) “há uma tendência em acreditarmos na foto, (pelo seu caráter indicial) desde, é claro, que a informação (significados, legendas) nela contida não desestabilize nossas certezas projetadas em imagens mentais (informações) sobre o passado” desconstruindo, assim, nossas perversões de memória.

Dessa maneira a fotografia é vista como um símbolo, pois toda fotografia é uma interpretação, uma transformação. Entendida por Barthes, é ferida, marcada pela luz, mas ao mesmo tempo sofre uma cicatrização cultural e ideológica. Por conseguinte, quando é carregada de signos e símbolos somente pode ser compreendida através da cultura vivenciada, da percepção de mundo. Como nos indica Brandão (2004, p.29), é nesse nível que se percebe que

“a fotografia não é apenas um exercício de ‘mostrar como é’, mas também de desvelar e fixar uma face visível imaginada e ordenadamente dada a ser vista, de algum cenário onde algo acontece”.

Com isso, percebemos que a foto não tem sentido em si, mas que através de seu caráter simbólico pode se tornar um signo carregado de sentido, atribuído a partir de determinada experiência (individual ou coletiva) da qual ela é fragmento.

É preciso, portanto, diferenciar o que é informação do que é suporte de documento. No caso da fotografia, não é tão evidente que o grau de importância da informação contida nela seja superior ao do suporte utilizado, uma vez que seu suporte parece tangenciar com sua informação. Contudo, a informação da fotografia reside nas múltiplas interpretações, nas diferentes “leituras” que cada sujeito dela faz em determinado momento, suscitando inúmeras interpretações. A fotografia sem interpretação não nos encheria de nostalgia perante o tempo fragmentado que ela nos apresenta.

Dessa forma, mesmo que a fotografia implique numa direta ou genuína relação existencial com o objeto original, como o desenho ou a pintura, ela precisa que o interpretante possua informações anteriores afim de entender o objeto existente. Tais informações colaterais podem ser legendas, títulos ou associações com o elemento no mundo “real”.

Passar as fotografias do estado tridimensional (papel) para o estado nulodimensional (digital) significa passar as informações, os significados sempre perversos atribuídos a ela, uma vez que ela possui vínculos afetivos com o nosso passado. Uma vez que o objeto de estudo são as informações existentes nas fotografias (ou reveladas/excitadas a partir das fotografias) cabe utilizar o conceito de fotografia como símbolo.

Nesse sentido podemos concluir que a imagem é uma sucessão de construções mentais interpretativas representadas através da sua descrição. Os sujeitos atribuem determinados significados, conforme a subjetividade de cada indivíduo e a ideologia de cada momento – conforme seu repertório cultural, seus conhecimentos, suas concepções, suas convicções morais, éticas, religiosas, seus interesses pessoais, profissionais, seus preconceitos, seus mitos.

5. COMEÇANDO: a rede mundial de computadores

O homem vive hoje um momento de modificação na relação com o mundo a sua volta sem precedentes. O desenvolvimento tecnológico oferece ferramentas únicas de interação entre as produções culturais e científicas e a percepção e construção de conhecimento pela sociedade moderna.

Michel Foucault, em *Arqueologia do saber*, estabelece um conceito para arquivo não propriamente como um lugar, mas como um sistema de discursividade com sua gramática, suas condições de enunciação e regras de produção de enunciados – a totalidade de todas as mensagens possíveis permite integrar na mesma análise todas as esferas diferentes, considerar todos os discursos com a possibilidade de discurso.

A idéia de arquivo em Foucault deixa entrever que, em cada presente, em cada atualidade, somos tomados por uma intersecção na qual aquilo que julgamos saber o que somos coexiste com o aquilo que estamos nos tornando, mas que ainda não sabemos o que é. Podemos perceber a atualidade dentro do conceito de arquivo de Foucault, pois é como se cada atualidade, como se cada configuração espaço-temporal fosse um complexo lugar de embates e de simultâneas emissões de signos que buscamos decifrar.

Em 1989, tivemos o advento da Word Wide Web (WWW), tratava-se de um sistema protótipo que utilizava protocolos da Internet para implementar um sistema de hipertexto distribuído em escala global. Segundo Pierre Lévy (1993), tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Tim Berners-Lee, o criador da WWW, queria que “todas as informações armazenadas nos computadores espalhados por toda parte estivessem conectadas.” (WEINBERG, 2007, p.193). O uso do hipertexto, na forma do protótipo criado por Berners-Lee, tornou-se um modelo do que hoje é a WEB – basicamente, a consulta de páginas hiperlinkadas umas às outras, em se tratando da WWW. Assim como na televisão, no rádio, e demais meios de comunicação de massa, na primeira geração da WEB existe também um emissor e um receptor.

Cabe ressaltar que o conceito de hipertexto não nasce necessariamente com o surgimento da WWW. De acordo com Peter Burke (2003) e Roger Chartier (2002), as primeiras manifestações hipertextuais ocorrem nos séculos

XVI e XVII, através de manuscritos e marginalia. Os manuscritos sofriam alterações quando eram transcritos pelos copistas e assim caracterizavam uma espécie de escrita coletiva. Já as marginalias eram anotações realizadas pelos leitores nas margens das páginas dos livros antigos, permitindo assim uma leitura não-linear do texto. Essas marginalias eram posteriormente transferidas para cadernos de lugares-comuns para que pudessem ser consultadas por outros leitores. O hipertexto da WEB veio livrar nossos pensamentos dos átomos de papel, dando representatividade aos pensamentos de maneira mais fiel à revoada de mosquitos que é nossa cognição.

Weinberger (2007) nos apresenta o novo paradigma de organização do conhecimento. O autor parte do pressuposto de que as limitações e a simplicidade da organização das coisas no mundo físico, dos átomos, não é transferível ou compatível com o mundo digital, ou seja, o mundo dos bits.

Até o presente momento, todo o desenvolvimento da sociedade, em suas diferentes esferas - econômica, social, intelectual -, relacionava-se intimamente com o princípio físico de que dois objetos não ocupam o mesmo lugar ao mesmo tempo. Princípio esse que sempre nos exigiu tomadas de decisões políticas. Ora, quando opto em colocar determinada informação nesse lugar e não naquele outro, estou seguindo algum critério, na maioria das vezes político. Para Weinberger, a organização no ciberespaço transcende as organizações clássicas como a de Melvil Dewey. Os códigos fixos, cartesianos e estanques não são adequados para a organização na WEB, uma vez que ela nos permite múltiplas escolhas através da onipresença dos conteúdos.

5.1 O ESPAÇO DA COLABORAÇÃO: Web2.0

Desde sua criação, a WEB tem evoluído com o implemento de novos serviços e funcionalidades. A tecnologia AJAX (Asynchronous Javascript And XML), por exemplo, permite que os usuários da WEB participem de forma mais ativa na construção e organização dos conteúdos disponíveis. Não se trata mais de um emissor e um receptor. A esta segunda geração de comunidades e serviços denominou-se WEB 2.0. O termo foi criado em 2004 pela empresa estadunidense O'Reilly Media. Conceituada como uma plataforma, a WEB 2.0

envolve wikis, aplicativos baseados em folksonomia, redes sociais e Tecnologia da Informação (O'REILLY, 2005).

Nesse contexto, o usuário pode seguir caminhos não lineares e não hierárquicos no ciberespaço. Afinal, os links e hipertextos vêm de encontro ao fato de que as associações dos nossos pensamentos não seguem linhas retas, mas formam uma teia complexa e desenham trilhas inusitadas.

Com a WEB 2.0, não só a publicação e o acesso à informação, como também a participação na organização de tais informações, tornaram-se ações de fácil execução para quaisquer indivíduos. Os sites tradicionais são substituídos por blogs e as taxonomias são somadas às Folksonomias. Folksonomia é um neologismo criado por Thomas Vander Wal em 2005 a partir das palavras folk (pessoas) e taxonomy (taxonomia), ou seja, uma taxonomia criada pelas pessoas. Tratam-se de etiquetas que as pessoas atribuem a objetos visando a sua recuperação. Tal atribuição ocorre de maneira livre, é feita com critérios pessoais.

As pessoas, ao redor do mundo, passaram a ter em suas mãos a possibilidade de participar ativamente do processo de construção do conteúdo da WEB. A rede assim constituída é o universo de informações que ela abriga, na forma e estrutura do social, do cognitivo, dos seres humanos que a alimentam e nela navegam.

A WEB atinge hoje um patamar em que não mais acessamos simplesmente a informação, mas também participamos da construção de significados ao interagirmos de forma ilimitada com o que nos é apresentado e com as diferentes opiniões e interpretações soltas pela rede. Como destaca Weinberger (2007, p.144):

Imagine duas pessoas editando e reeditando um artigo da Wikipedia, articulando suas diferenças na página de discussão sobre o artigo. Elas avançam em direção a um artigo aceitável para ambas por meio de uma negociação pública de conhecimento e chegam a uma decisão. Contudo a página que negociaram talvez não represente exatamente o ponto de vista de nenhuma das duas. Essa constatação não ocorreu no cérebro de nenhuma delas, mas durante a conversa que tiveram.

Hoje, não mais entendemos os fenômenos como certos ou errados, como excludentes, mas como possibilidades de interação entre diferentes pontos de vista. Tal efeito gera um conhecimento que não é estático, mas classificado de forma orgânica e mutante. Afinal, a classificação de um objeto diz muito mais sobre o modo como o sujeito entende o objeto do que sobre o objeto em si. O nulodimensional potencializa o subjetivismo inerente à interpretação, ao possibilitar um diálogo sem amarras entre objetos, visões, discursos e pessoas.

Uma categoria de planetas tem menos a ver com a natureza do Universo do que com a nossa natureza [...] como organizamos o mundo reflete não apenas o mundo, mas também nossos interesses, paixões, necessidades e sonhos. (WEINBERGER, 2010, p.40)

Das plataformas nulodimensionais, a WEB se apresenta como a mais forte na revolução das formas de interação do homem com a informação ao seu redor. Desenvolvida para manter a comunicação entre militares nos primórdios da Guerra Fria, a internet sofreu grandes transformações desde o seu surgimento. O aprimoramento incessante da tecnologia utilizada para a troca de dados possibilitou que arquivos com um volume cada vez maior de informações fossem trocados em um espaço de tempo cada vez mais curto. Com isso, conteúdos que ocupavam grande “espaço” digital, como vídeos de longa duração, álbuns inteiros de música ou fotos com resoluções altíssimas, ganharam flexibilidade para serem gerados e repassados. Esse fato criou um cenário de ampla digitalização de conteúdo, levando-nos a um estágio em que praticamente toda informação já produzida poderá ser encontrada em formato digital, passíveis de decodificação por qualquer computador.

Na definição de Pierre Lévy, ciberespaço é um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores, com ênfase na tecnologia digital, por esta condicionar a informação em seu caráter plástico, fluido e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual, que é a marca distintiva do ciberespaço (LÉVY, 1999, p.92-93).

A WEB 2.0 se apresenta, de acordo com sua própria denominação, como o amadurecimento da WEB, a sua versão melhor utilizada. Como Alex Primo destaca “*se na primeira geração da WEB os sites eram trabalhados como unidades isoladas, passa-se agora para uma estrutura integrada de funcionalidades e conteúdo.*” (PRIMO, 2007, p.2) A informação, portanto, vem de todos os lugares e vai para todos os lugares. Quem produz o conteúdo é o próprio utilizador do conteúdo.

No blog Betamemória, por exemplo, temos um universo de imagens geradas a partir da digitalização de fotografias retiradas do acervo de **Seu Paulo**. Nesse conjunto de imagens digitais, teremos um novo acervo que será etiquetado e “organizado” por ferroviários, em número limitado com o objetivo de tornar o estudo viável. Ao publicarmos tais informações na rede, o conteúdo ganhará vida quando outros ferroviários ou mesmo usuários passarem a ter contato com as imagens, criando novas tags e dando um novo aspecto para a nuvem de memórias ou conhecimento coletivo criado no blog. Teremos, então, o que chamamos de estado beta da memória, em constante construção e movimento.

A coexistência de idéias é parte fundamental do que temos como WEB 2.0, pois é no ciberespaço, com a utilização de aplicativos que possibilitem cada vez mais a interação, que o usuário deixa de ocupar a posição de simples receptor da informação para colocar-se como sujeito ativo na construção do conhecimento dentro da rede.

O'Reilly destaca a passagem da ênfase na publicação (ou emissão, conforme o limitado modelo transmissionista) para a participação: blogs com comentários e sistema de assinaturas em vez de *home-pages* estáticas e atomizadas; em vez de álbuns virtuais, prefere-se o Flickr, onde os internautas além de publicar suas imagens e organizá-las através de associações livres, podem buscar fotos em todo o sistema; como alternativas aos diretórios, enciclopédias online e jornais online, surgem sistemas de organização de informações (del.icio.us e Technorati, por exemplo), enciclopédias escritas colaborativamente (como a Wikipédia) e sites de WEBjornalismo participativo (como Ohmy News, Wikinews e Slashdot). O'reilly (2005, apud PRIMO, 2007).

Dessa forma, a WEB 2.0 se mostra como uma maneira de produzir significados, assim como o gestual, o verbal, as imagens e a escrita. Agora, porém, a plataforma digital expande limites, possibilitando que o conhecimento não mais esteja preso a um único discurso como menciona Foucault em seu conceito de arquivo, ocupando então diferentes espaços numa grande nuvem de conteúdos. Os suportes vêm sofrendo modificações ao longo dos anos e, como observamos no caso da WEB 2.0, tornando viável a produção cada vez maior de significados, articulando de forma ampla os meios de memória social e de construção do conhecimento.

O blog do **Seu Paulo**, dessa forma, servirá de plataforma para a construção do conhecimento coletivo acerca da história ferroviária retratada pelas imagens ali armazenadas. A interação das imagens com o visitante do blog possui espaço para crescer, na medida em que o espaço possibilita o debate sobre o conteúdo do blog, bem como uma organização mutante, visto que as tags serão constantemente recriadas e reorganizadas.

5.2 ESPAÇO DO SABER: *blog*

Com o amadurecimento da WEB para a WEB 2.0, tivemos a evolução do blog, que deixou de ser uma simples ferramenta para postagens cronológicas ou um diário pessoal para tornar-se uma ampla ferramenta de comunicação. Alguns autores propõem que o blog é mais do que uma ferramenta de publicação caracterizada pelo seu formato: é uma ferramenta de comunicação, que é utilizada como forma de publicar informações para uma audiência.

Barbosa (2003) nos propõe, através do conceito estrutural, a visão do blog como uma ferramenta que facilita a publicação pessoal, anexando à estrutura o caráter da personalidade. Significa que apesar de não podermos considerar mais os blogs unicamente como diários pessoais, existe, em sua construção e compartilhamento, um forte componente de personalização. Em ambas as definições, temos o blog como uma ferramenta capaz de gerar estruturas características, constituída como mídia, ou seja, como ferramenta de comunicação mediada pelo computador.

A percepção do blog como ferramenta é, dessa forma, bastante genérica, pois objetiva abranger todos os usos que alguém pode fazer do

sistema, que são classificados como gêneros por diversos autores. Pela facilidade de utilização e pelo vasto número de funcionalidades a ele agregadas ao longo dos anos, o blog deixou de ter o objetivo de contar o dia-a-dia de alguém. Mais que isso, ele contempla objetivos maiores dentro da rede de interações oferecidas pela WEB 2.0, possibilitando a publicação de imagens e vídeos, a geração de debates, a organização de conteúdo e o diálogo direto com todas as outras redes sociais amplamente difundidas.

Além disso, cabe darmos espaço para a definição conceitual dos blogs, que passam a ocupar o espaço de artefatos culturais. Essa percepção, advinda de um olhar antropológico e etnográfico, “representa a oportunidade de uma aproximação do contexto sócio-histórico de apropriação dos artefatos tecnológicos a partir do olhar subjetivo dos próprios atores que interatuam com as TICs” (ESPINOSA, 2007, p.272).

Um artefato cultural pode ser claramente definido como um repositório vivo de significados compartilhados, produzido por uma comunidade específica. A partir de sua vocação midiática, o blog é uma personalização de seu autor que é expressa a partir de suas escolhas de publicação Saha (2005, apud AMARAL ET AL., 2009).

Segundo Carlos Dinarte (2010, p.17) a rede em que se insere o blog nos dias de hoje, “foi criada por nós, entrelaçamentos resultantes de nossas ações, nossos clics, nossos comandos a partir das interfaces.” As informações estão entrelaçadas através de hiperlinks. O desenho dessa revoada de informações é uma nuvem repleta de ligações, tão complexa quanto as ligações neurais.

Pierre Lévy (1993), afirma que, tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, seqüências sonoras, ou documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Tal infra-estrutura global capaz de conectar conceitos reconfigura, de uma vez por todas, as antigas relações entre espaço e tempo, autoridade, legitimidade, privado/público, revolucionando nossa forma de interação.

Weinberger (2007) enfatiza a necessidade de enxergar o significado da miscelânea para além da confusão, algo que a terceira ordem permite. Para ele, o sonho do racionalismo isento de ambigüidades e de suprimida heterogeneidade manifesta-se como um controle social sufocante, não

condizente com a desterritorialização do conhecimento na WEB 2.0. As redes são móveis e a complexidade do novo sistema de organização é ditada pelo próprio usuário-produtor, como no caso do blog Betamemória, em que os ferroviários tiveram a oportunidade de classificar e descrever as imagens com tags a partir de suas experiências e memórias.

6. AS TRÊS ORDENS DA ORDEM

A abstração é uma atividade intrínseca ao processo de conhecer, de classificar, afinal conceituar é abstrair. Comunicamo-nos com o mundo e classificamos o mundo para entendê-lo, para que ele ganhe significado. Não apenas percebemos a realidade, mas a construímos através de nossos sentidos: tato, olfato, audição, paladar e visão. Existem tantos conceitos para as coisas do mundo quanto possibilidades cognitivas que envolvam algum tipo de nomeação capaz de abstrair. Para a indexação de imagens, isso significa dizer, que dificilmente conseguiremos representar verbalmente com precisão a informação imagética.

Separar, dar forma e diferenciar são mecanismos que utilizamos para explicar algum conceito. Na Biblioteconomia, temos ferramentas que nos possibilitam melhor definir e limitar um conceito. Melvil Dewey, baseado em estudos de Aristóteles sobre o conhecimento humano, percebeu que a organização de uma biblioteca refletia a estrutura do conhecimento. Mapeando o conhecimento humano, com o objetivo de organizar uma biblioteca, publicou em 1876, um sistema de classificação do conhecimento.

Contudo, a organização espacial de uma biblioteca possui limitações físicas que o conhecimento e a cognição humana não possuem. Dois objetos não podem ocupar o mesmo espaço concomitantemente, porém um conceito pode refletir idéias distintas ao mesmo tempo. A palavra “íris”, por exemplo, quando dita ou escrita pode significar: 1. Íris, a parte colorida do olho, 2. Iris uma planta (mais conhecida como lírios), e 3. Íris a personagem da mitologia grega, e ainda tantos outros exemplos.

Dessa maneira, o conhecimento é mutável e carrega consigo valores culturais. O mundo é grande demais, as pessoas são diferentes demais e pensam de formas diferentes, lêem o mundo de maneiras completamente diversas umas das outras, criando conceitos diferentes para um mesmo objeto. Assim, torna-se inviável um sistema único que funcione para todas as culturas em diferentes momentos históricos.

Weinberger nos questiona, em seu livro “*A nova desordem digital*”, por que escolhermos uma única árvore quando podemos ter toda a floresta à nossa disposição? A árvore seria uma estrutura simbólica do esquema

hierárquico de representação do conhecimento até então utilizado pela humanidade. Já a floresta, seria a forma de representar as multipotencialidades de significação do universo digital. O autor nos faz questionamentos sobre o caos da era digital e a relação dialética entre os esquemas de organização da informação empreendidos pela humanidade, abordando as limitações e a simplicidade da organização das coisas no mundo físico, dos átomos. É uma discussão sobre o novo paradigma de organização do conhecimento.

Para Weinberger (2007), a organização no espaço de bits transcende as organizações fixas, cartesianas e estanques, uma vez que abre espaço à designação múltipla e à onipresença dos conteúdos em diferentes contextos. Tais argumentos sustentam as chamadas “três ordens da ordem”, forjadas pelo autor.

Na concepção do autor, as duas primeiras “ordens da ordem” estão relacionadas às coisas concretas do mundo, porém o que as diferencia é que, enquanto a primeira trás mecanismos de organização espacial, a “segunda ordem da ordem” exerce função complementar, preocupando-se com a elaboração de instrumentos que auxiliem na recuperação do plano físico organizado, seriam os metadados.

Dessa forma, a “primeira ordem da ordem” está relacionada ao agrupamento das coisas/objetos, respeitando-se uma disposição física por características, associações e semelhanças predeterminadas à matéria, ao conteúdo, como livros que são dispostos seqüencialmente em estantes por um esquema de agrupamento por assuntos, ou fotografias coloridas são alocados determinadas pastas e fotografias preto e branco em outras. Por outro lado, a segunda ordem são os metadados capazes de fazer a ligação entre os assuntos, os títulos e os autores de livros e suas localizações físicas no espaço. Com isso, os metadados, registrados em fichários de papel ou em um sistema automatizado de computador, são catálogos e índices utilizados em bibliotecas ou em sinalizações que nos orientam em supermercados, fazendo referência à organização de primeira ordem da ordem.

A primeira e a segunda “ordens da ordem” seguem as seguintes premissas: 1) no mundo físico, algumas coisas estão mais próximas do que outras; 2) objetos físicos não podem estar em um mesmo lugar ao mesmo tempo; 3) o espaço físico é compartilhado, então há limitação de layout,

embora possa haver diferentes necessidades; 4) as habilidades físicas humanas são limitadas e, 5) a organização da armazenagem deve ser ordenada e arrumada.

Diferentemente, na “terceira ordem da ordem” há uma ruptura com a idéia de que espaços físicos bem-organizados são transpostos para o universo digital. A capacidade da humanidade em organizar e agrupar coisas é posta em dúvida, uma vez que o caos e a miscelânea, para o autor, são virtudes que superam os esquemas segmentados e hierárquicos tradicionais sempre limitados pelo espaço físico. Dessa forma, com a WEB 2.0 apresentam-se novas maneiras de organização compatíveis com as possibilidades do espaço em bits.

O autor resgata diversos esquemas de representação e organização do conhecimento que continuam a influenciar o esquema societário e suas representações, passamos pela filosofia aristotélica e a sua contribuição hierárquico-classificatória, que orientou e permanece a orientar, sobretudo, as representações ocidentais; pelos sistemas de classificação propostos por Dewey; pelas leis e facetas de Ranganathan, pela ordenação enciclopédica, pela tabela periódica de Mendeleev, bem como pelo esquema taxonômico das espécies proposta pelo sueco Carolus Linnaeus e aprimorado posteriormente pelo naturalista francês Lamarck, entre outros.

Assim, nos mostra que a visão tradicional do conhecimento organizado por meio de esquemas exatos, que tendem a minimizar ou erradicar ambigüidades e buscam planificar a realidade de forma única, é substituída por esquemas colaborativos de produção de informação, pela folksonomia e “etiquetas” sociais. Como afirma o autor, os esquemas tradicionais de classificação das coisas do mundo

esforçam-se para ser abrangentes apenas por meio da redução da riqueza do que tentam abranger. [...] A terceira ordem pega o território subjugado por classificação e o libera. Em vez de impor-lhe categorias, a terceira ordem fixa *etiquetas* que permitem a um usuário de recursos online – páginas da WEB, fotos – acrescentar uma palavra ou duas, de modo que possa localizá-los novamente mais tarde. (WEINBERGER, 2007, p.91-92)

Paralelamente a essas teorias e técnicas que por séculos influenciam os modos de organizar o mundo, Weinberger se ocupa em demonstrar que tais teorias são válidas, exclusivamente, para a organização de primeira e segunda ordem. Entretanto, os espaços de controle de vocabulário por meio de tesouros, planos definidos de classificação e categorização, que registravam aderência social até os primórdios da World Wide Web, já não são mais suficientes e adequados para o contexto da WEB 2.0.

Com isso, é preciso que direcionemos a organização para novas propriedades e estratégias e para um novo conhecimento, dos quais emergem quatro princípios sinalizados na obra: 1) a filtragem inclusiva que, ao contrário da filtragem exclusiva, busca aumentar o potencial do conhecimento produzido e compartilhado socialmente; 2) a multiassociação de conteúdos, uma vez que cada informação pode e deve estar relacionada ao maior número de categorias imagináveis; 3) a potência de tudo ser metadado, portanto, tudo poder ser etiquetado e, 4) a necessidade da desistência do controle sob a ordenação.

Por evocarem a idéia de desordem, o heterogêneo e a miscelânea incomodam; mas a dita desordem do espaço de bits se dá por entrelaçamentos e misturas que, aos olhos de Weinberger, resultam na inesgotável fonte de conhecimento que é aberto e rompe as barreiras do definitivo, do sectário e do essencialismo. Para o autor, “[...] o significado de determinada coisa é proporcionado pela rede de significados implícitos pelos quais chamamos de mundo” (WEINBERGER, 2007, p.172). Todo fenômeno de significado surge da heterogeneidade.

Nessa linha de raciocínio, alguns recursos da WEB 2.0 (como blogs; enciclopédias livres, tal qual a Wikipedia¹; ou ainda redes de relacionamento e de compartilhamento de fotos, como o Picasa²) que são verdadeiros fenômenos sociais, são apresentados pelo autor como formas de manifestar a inversão da pirâmide de produção e domínio top-down³ do conhecimento produzido socialmente, para uma relação bottom-up⁴.

¹ A Wikipédia é uma enciclopédia livre editada por milhares de colaboradores de todas as partes do mundo foi fundada em 15 de janeiro de 2001.

² Serviço do Google para armazenamento e compartilhamento de foto online.

³ De cima para baixo

⁴ De baixo para cima

6.1 DOIS ACERVOS: mortal e possível

Com o surgimento da fotografia, o homem passou a criar novas concepções acerca da realidade que, até então, era possível apenas através da escrita, do verbal e do pictórico. Dessa forma, a fotografia possibilitou novas apreensões do mundo, das pessoas, dos lugares e das culturas. A imagem digital surgiu traçando rumos e perspectivas na relação do homem com a realidade. Aprofundar as questões inerentes ao advento das mídias digitais é tarefa imprescindível quando se fala em digitalização de documentos.

Para esse estudo, entendemos que a essência da fotografia está nos significados que construímos a partir dela. Ou seja, que o suporte da informação não é a informação em si, mas apenas a superfície física onde ela está inscrita. Ao diferenciarmos o que é informação do que é suporte da informação, uma vez que migramos o suporte da fotografia, seus significados não irão morrer, pois eles não dependem do suporte para existir.

O processo de formação da fotografia analógica é amplamente conhecido entre a sociedade. Ao contrário, o processo que envolve a produção digital é pouco conhecido. Isso se deve, quem sabe, por ser uma técnica recente ou porque exige pouca reflexão por parte daqueles que dela se utilizam.

A fotografia analógica é o resultado de uma interação de processos físicos e químicos, como mencionado anteriormente. Já na imagem digital, temos a interação de processos físico-numéricos. A luz que passa pela objetiva da câmera digital sensibiliza um sensor eletrônico (um chip), que produz uma interpretação numérica da intensidade luminosa que atingiu cada um dos pixels, formando assim uma imagem que é uma combinação de dados. Para o homem poder visualizar tal imagem, utilizamos a tecnologia e a informática, usamos softwares capazes de interpretar a combinação de dados (010101), tornando-os visíveis aos nossos olhos. O suporte do registro da imagem digital é totalmente diferente da película fotográfica.

Sob uma perspectiva histórica, os arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação tratavam as questões de conservação e reprodução de documentos fotográficos em base química. Sua catalogação era feita manualmente e sua consulta era local. Enfrentavam, dessa forma, limites

físicos, pois quanto maior o acervo, menor a probabilidade de conseguir encontrar uma foto determinada, tornando o acervo cada vez menos acessível. Porém, ao catalogarmos todas as fotografias, criando uma segunda ordem da ordem, as chances de se encontrar determinada foto aumentariam.

O surgimento de novas tecnologias propõe vagarosamente uma reestruturação dos modos de tratamento, recuperação e pesquisa de acervos, além de possibilitar o armazenamento em meio eletrônico, ao quais devemos estar atentos devido à rápida evolução dos formatos digitais. Para as instituições, a grande questão envolvida na era dos acervos disponibilizados em rede se refere à maior visibilidade que essas coleções passam a receber e, conseqüentemente, ao descontrole em relação à demanda. O dilema é poder atender satisfatoriamente às diferentes classes de pesquisadores de imagem e seus diferentes interesses perante esse objeto polissêmico.

Cláudio Duque (2006, p.799) define indexação como “um processo que consiste em nomear palavras-chave de um documento (as palavras-chave são a representação do documento)”. O desafio de criar vocabulários controlados que contemplem uma área tão abrangente e, ao mesmo tempo, tão especial como a indexação de imagens requer reflexões profundas por parte das instituições mantenedoras desses documentos.

Orbach (1990 apud LANCASTER, 2004, p.218) afirma existir a necessidade de indexar uma coleção de imagens levando-se em conta mais de um grupo especial de usuários. É preciso representar tematicamente a essência da imagem e ao mesmo tempo possibilitar representações específicas de interesse de uma determinada classe de pesquisadores. Como podemos ver, a era digital vem para agregar o que antes era feito apenas em formato físico: facilitar a interação do pesquisador com o objeto pesquisado, visto que o primeiro participa ativamente da organização do segundo.

Na sua argumentação, Lancaster (2004, p. 215) enfatiza a problemática da indexação relativa a imagens:

“A recuperação de imagens difere mais de perto da recuperação de textos porque os usuários de bases de dados podem querer pesquisar sobre ampla variedade de características, que vão desde as muito exatas (nome de artistas, títulos de pinturas) até as muito imprecisas (forma, cor, textura).”

Ao defender a idéia de que uma mesma imagem pode ser analisada de diferentes pontos de vista, o autor enfatiza a problemática dando o exemplo da Torre Eiffel. Uma fotografia da Torre Eiffel poderia ser indexada utilizando termos pré-iconográficos: “torre”, “rio”, “árvore”; termos iconográficos: “Torre Eiffel, rio Sena”; e termos iconológicos: “romantismo”, “emoção”. Lancaster utiliza os níveis apresentados por Erwin Panofsky para a análise da imagem.

Johanna Smit, (1996) define os três níveis de Panofsky da seguinte forma: pré-iconográfico seria a descrição genérica dos objetos e ações representados na imagem, o iconográfico é aquele que descreve o assunto secundário ou convencional ilustrado pela imagem, ou seja, trata-se da determinação do significado mítico, abstrato ou simbólico da imagem, sintetizado a partir de seus elementos componentes, detectados pela análise pré-iconográfica, e o nível iconológico, Panofsky propõe a interpretação do significado extrínseco do conteúdo da imagem. A análise iconológica constrói-se a partir das anteriores, mas depende de significados/conteúdos somente detectáveis levando-se em conta o contexto da imagem ou do indexador, ou seja, da cultura social, filosófica e ideológica.

Dessa forma, observamos que existe uma dificuldade natural de classificação de algo tão subjetivo quanto uma imagem, tanto pela dificuldade de caracterizar em palavras ou códigos o que é expresso como pela diversidade de impressões dos observadores. É inviável esgotarmos a informação imagética através das palavras. Por isso, é inegável que as novas possibilidades de classificação oferecidas pela digitalização das imagens só acrescentam ao terreno fértil da indexação de imagens.

Quando estamos falando de imagens digitais, cada foto é uma confusão da terceira ordem por si só. Entretanto, a capacidade de encontrar determinada fotografia aumentará, pois cada foto digital carrega dentro de si os metadados sobre exposição do tempo e data, por exemplo, facilitando o processo de recuperação. Além disso, seu potencial de recuperação aumentará consideravelmente se levarmos em conta o número infinito de tags que serão acrescentadas às imagens, criando quase que uma simbiose entre a imagem e o pesquisador.

Weinenber (2007, p.177) nos afirma que “nas duas primeiras ordens da ordem as coisas tem seus lugares, e à medida que as usamos elas ficam fora

desse lugar. Mas não existe lugar para as coisas na terceira ordem da ordem”. Segundo o autor, ao colocarmos códigos numéricos em nossas fotografias digitais, por exemplo, podemos organizá-las na ordem crescente e depois decrescente, de cima pra baixo, de um lado para o outro. Se adicionarmos metadados a elas, isso não afeta a sua desordem, tão pouco a sua ordem. Não precisamos que elas estejam em ordem ou desordem, precisamos apenas recuperá-las e isso é possível devido aos seus metadados e tags.

Mais do que isso, o autor nos mostra que as fotografias podem estar organizadas ou desorganizadas de todas as formas possíveis, de acordo com o que cada um entende sobre organização ou desorganização. Ou melhor, a organização ou desorganização dependerá da forma como cada um entende e busca determinada fotografia. Quanto maior o número de definições, interpretações e tags vinculadas a uma mesma imagem, maior será o seu valor e o seu potencial de recuperação na desordem digital.

Dessa forma, durante as visitas ao acervo de **Seu Paulo** em sua casa, podemos constatar que suas fotografias possuem uma organização própria, em pastas conforme a ilustração abaixo:



Figura 8 - Seu Paulo em casa ao lado das pastas onde guarda algumas de suas fotografias, organizadas em categorias criadas por ele mesmo.

Evidentemente, **Seu Paulo** consegue encontrar suas fotografias dentro da ordem criada pelo próprio, entretanto elas estão presas às limitações físicas do seu acervo. Ao transformarmos essas fotografias em imagens digitais, criamos um novo acervo, disponibilizado pelo blog Betamemória. Nesse novo

acervo, **Seu Paulo** tem a possibilidade de encontrar determinada imagem de diferentes formas, colocadas em “diferentes pastas ao mesmo tempo”. **Seu Paulo** não mais terá dificuldades de lembrar sob qual categoria suas fotos foram classificadas, em qual pasta elas estão guardadas, visto que em formato digital poderão estar classificadas sob diversas categorias ao mesmo tempo.

Os acervos digitais trazem novas possibilidades no que diz respeito à organização da informação. Ao optarmos pelo Picasa, por exemplo, tivemos ao nosso alcance diversas ferramentas da WEB 2.0. Quando inserimos fotografias digitais no Picasa, ele capta automaticamente os metadados contidos na foto, ou seja as informações acerca da máquina utilizada, da forma de captura da imagem, se noturna ou diurna, entre outros. Tais dados são extremamente importantes caso estejamos buscando uma fotografia noturna do dia 12 de dezembro de 2010, por exemplo. Além disso, existe a possibilidade de adicionarmos etiquetas, informações sobre as pessoas, legendas acerca do assunto retratado.

Um recurso bastante utilizado na WEB 2.0 é o reconhecedor de rostos, oferecido por softwares de compartilhamento de imagens, como o Picasa. Tal ferramenta possibilita que indiquemos quem são as pessoas retratadas nas fotos. Conforme são adicionados nomes e apelidos às pessoas, o Picasa recupera outros dados já inseridos, relacionando de forma cada vez mais sólida determinado rosto à determinado nome. Com isso, teremos uma gama cada vez maior de indicações e classificações de imagem, possibilitando relacionar pessoas, locais, horários, rostos e formas de captação da imagem, num descaminho que não tem mais fim.

6.2 FOLKSONOMIA: movimentos indomáveis que não obedecem a ordem cronológica ou alfabética

Algumas das ferramentas presentes na WEB 2.0 agregam novas formas de representação, organização e recuperação de informações, é o caso da Folksonomia. A palavra Folksonomia é uma analogia à taxonomia, mas inclui o prefixo folks, palavra da língua inglesa que significa pessoas. “Thomas Vander Wal cunhou o termo *folksonomy* em 2005 para designar um conjunto ordenado

de categorias (ou “taxonomia”), que emerge da forma como as pessoas rotulam itens.” (WEINBERGER, 2007, p.167)

Trata-se de uma espécie de vocabulário descontrolado. Num primeiro momento, tal conceito pode soar como a desorganização na WEB. Entretanto, o uso da Folksonomia viabiliza a significação coletiva online. Trata-se de um mecanismo que não é feito por especialistas anônimos, o que muitas vezes pode limitar a busca por não trazer determinadas palavras-chave da linguagem natural utilizada pelo usuário. Assim, é um modo onde os próprios indivíduos que buscam informação na rede ficam livres para representá-la, organizá-la e recuperá-la. Tais ações são realizadas com base no senso comum e disponibilizam um leque de novas opções nas pesquisas por diferentes conteúdos.

Com isso, esse vocabulário descontrolado altera os padrões hipertextuais até então praticados, pois é construído de forma coletiva, permitindo uma organização semântica das informações e, conseqüentemente, ampliando as possibilidades de busca dos dados na WEB.

Os sistemas que incorporam a folksonomia em seu funcionamento disponibilizam, normalmente, a prática de “etiquetar”. Tal recurso é semelhante à categorização de bookmarks (“favoritos”). Como destaca Alex Primo:

é o processo de geração de metadados (ou seja, dados sobre dados) através da associação de *tags* (etiquetas) a referências e materiais. No *tagging*, em vez do cadastramento padronizado de informações como “autor” e “ano de publicação”, os internautas ao incluírem um novo link em sua lista pública de *bookmarks* podem registrar quaisquer palavras que julgarem ser associadas a um certo material. (2007, p. 3)

O diferencial, entretanto, está no fato de que o usuário de tal serviço pode tornar pública a sua lista de bookmarks, compartilhando-a com outros usuários (por isso, “social” bookmarking) e associar tags (etiquetas) a determinados materiais. É a WEB 2.0 funcionando de plataforma para um ambiente colaborativo de interação de impressões, interpretações e classificações de seus usuários.

O Tagging Social tem como exemplo o Picasa, é um sistema para armazenamento e compartilhamento de fotos, no qual os usuários podem

armazenar e “etiquetar” suas imagens, além de manter uma rede de contatos com outros usuários do sistema, adicionando tags nas fotos alheias. Tais ferramentas, nos ajudam a pensar a construção das memórias no ciberespaço.

Levando em consideração que a memória faz parte de um processo social, de interação entre os indivíduos, é possível afirmar que, através de um blog que possibilitam a folksonomia, percebe-se a construção de uma memória coletiva dentro da WEB, mais especificamente dentro de cada sistema folksonômico.

Como nos mostra Weinberger em um de seus exemplos sobre álbuns fotográficos, com as possibilidades da WEB 2.0:

Não há limites para o número de álbuns que podemos montar. Então, não somos mais forçados a contruir cuidadosamente um unico caminho pelas memórias. Em vez disso, quanto mais variadas formas de classificar, ordenar e reunir nossas fotos digitais - quanto mais diversificadas - melhor. Não é mais necessário que toda a família concorde a respeito das memórias. Se os álbuns são arquétipos de memória, esta se torna menos o que montamos e bloqueamos e mais o que podemos montar e compartilhar. (WEINBERGER, 2007, p16.)

As ferramentas oferecidas pela WEB 2.0 permitem ao usuário registrar, organizar e recuperar informações através de tags que ele mesmo determinar. Além disso, ele poderá compartilhar com outros indivíduos essas tags, assim ao serem divididas com outros, não mais serão individuais, mas passarão a fazer parte da construção de um ambiente coletivo de interação. Com essa rede de compartilhamento, o indivíduo não mais buscará conteúdo somente com suas tags, mas também com as criadas por outros, configurando a forma como utilizamos nossa memória, que é recorrendo a experiências que tivemos com outros indivíduos.

Quando temos a união de todas as impressões, interpretações e tags criadas, enxergamos um retrato do pensamento coletivo em dado momento sobre determinados conteúdos. As nuvens de tags, amplamente utilizadas nos ambientes da WEB 2.0, são apresentadas como uma massa processual atual, em permanente construção. É a informação classificada da forma mais orgânica e mutável possível.

Para viabilizar a folksonomia nesse trabalho, realizamos a coleta de tags de forma livre e espontânea a partir de entrevistas com **Seu Paulo** e da Roda da Memória, que nada mais é do que uma reunião de ferroviários relembando suas histórias. O momento descontraído proporcionado pelo evento originou termos relacionados a cada uma das imagens apresentadas, criando um emaranhado de impressões, lembranças e classificações folksonômicas.

7. METODOLOGIA: como foi feito

O trabalho partiu de uma pesquisa aplicada, com um estudo de caso sobre o conjunto fotográfico de **Paulo Nilton de Carvalho**, ferroviário aposentado que reuniu cerca de quatro mil imagens sobre a Ferrovia em sua casa, montando assim, importante conjunto documental acerca do tema.

Buscou-se ao longo do estudo preservar a memória, ou seja, as informações sobre a Ferrovia através da exploração de fotografias utilizando o ambiente blog. Além disso, verificamos de que maneira a folksonomia, utilizada para descrição de imagens, apresenta-se como possível método de representação da memória individual e coletiva. Para tanto, foi preciso entender a memória a partir das definições de Michel Pollak em seus estudos sobre identidade. Sendo assim, nosso objeto de estudo foram as informações (memórias) despertadas através das fotografias.

A partir do levantamento da literatura, entendemos que a essência da fotografia está nos significados que construímos a partir dela. Isso quer dizer que o suporte da informação não é a informação em si, mas apenas a superfície física onde ela está inscrita. Sendo assim, os procedimentos partiram então da migração do suporte em papel para o suporte digital como meio de preservação de tais informações. É preciso diferenciar, desse modo, o que é informação do que é suporte da informação. Suponhamos aqui, o que seria muito triste, que as fotografias em papel fossem perdidas - seus significados não iriam morrer, uma vez que eles não dependem do seu suporte para existir.

A digitalização e a coleta de dados ocorreu em cinco encontros realizados na casa de **Seu Paulo** em Rio Grande, junto ao acervo, no período de 30 de agosto a 03 de setembro de 2010. As cinco visitas foram registradas em um diário. Foram digitalizadas cem imagens, tanto fotografias como documentos que o ferroviário considerou de extrema importância. A amostra do trabalho é composta, dessa forma, por cem imagens, escolhidas por **Seu Paulo** como sendo representativas do acervo. Muitas dessas imagens fazem parte da Exposição Itinerante chamada “Nos Trilhos da História” , criada por **Seu Paulo**. A digitalização das imagens foi realizada a partir de câmera fotográfica profissional (marca), seguindo as “Recomendações para digitalização de documentos arquivísticos permanentes” do CONARQ, 2010.

Ou seja, realizou-se a captura da imagem em formato RAW⁵ e sua posterior conversão para o formato OpenRaw DNG⁶. Tais imagens foram armazenadas em mídia removível.

A partir da digitalização das fotografias e coleta de suas tags, criou-se uma conta denominada Betamemória no álbum da web Picasa. O conteúdo foi então inserido no álbum da web Picasa. Depois disso, foi realizada a criação do blog Betamemória no Blogger, ferramenta compatível com o Picasa, sendo então publicadas as fotografias com suas respectivas tags.

A próxima etapa foi a realização uma Roda da Memória no Foro Trabalhista de Rio Grande em parceria com o Memorial da Justiça do Trabalho no RS. Participaram do evento cerca de vinte ferroviários aposentados e **Seu Paulo**. Durante o evento, foram projetadas trinta fotografias escolhidas por **Seu Paulo**, que serviram como amostragem para a análise folksonômica. Cabe ressaltar que foram expostas apenas fotos que falavam da ferrovia, e não fotografias da família de **Seu Paulo**, por opção dele. A partir desse grupo focal foram, então, coletadas as palavras que, segundo os ferroviários, representavam as fotografias. A Roda da Memória teve duração de duas horas e foi gravada, tanto em registro sonoro, como em áudio-visual. Após a realização da Roda da Memória, foi realizada a coleta de tags a partir dos registros. Essas novas tags foram, então, juntadas às demais, já inseridas no álbum Picasa e, conseqüentemente, no blog Betamemória⁷.

A terceira coleta de tags ocorreu na Roda da Memória realizada pelo Sindicato dos Ferroviários Aposentados do Rio Grande do Sul, em que **Seu Paulo** mostrou sua Exposição “Nos Trilhos da História”. Essa Roda da Memória foi realizada em 27 de outubro de 2010, às 10 horas da manhã, e consistiu em projeção daquelas mesmas trinta fotografias escolhidas por **Seu Paulo**, além de conversa informal sobre as imagens projetadas. Nessa ocasião, porém, foram entregues aos dez ferroviários Fichas para a Coleta das Tags (APENDICE). Contudo, poucos deles preencheram as fichas de modo satisfatório, embora tenha sido possível coletar algumas novas tags para as fotografias e inseri-las no blog.

⁵ <http://www.digitalpreservation.gov/formats/fdd/fdd000241.shtml>

⁶ <http://www.digitalpreservation.gov/formats/fdd/fdd000188.shtml>

⁷ <http://betamemoria.blogspot.com/>

8. O BLOG DO SEU PAULO - BETAMEMÓRIA

O blog produzido para **Seu Paulo** teve como objetivo a preservação das fotografias através da migração do suporte em papel para o digital e sua conseqüente disponibilização na WEB a fim de possibilitar a folksonomia e a construção do conhecimento coletivo. Sua estrutura teve como base as necessidades, tanto do curador como do material a ser disponibilizado. A opção pelo blog em detrimento a um site comum se deve a pluralidade de recursos e a fácil utilização da ferramenta. Em função disso, até mesmo **Seu Paulo** poderia ter criado o blog.



Figura 9 - Identidade visual e página de apresentação do Blog Betamemória.

Como o objetivo do trabalho é, também, possibilitar que o Blog Betamemória siga crescendo e se difundindo, é importante que a ferramenta possa ser manejada por alguém que não possua conhecimento aprofundado de programação e codificação de páginas de internet. Dessa forma, optamos por criar uma página em formato de blog através do serviço oferecido gratuitamente pela Google, Blogger.

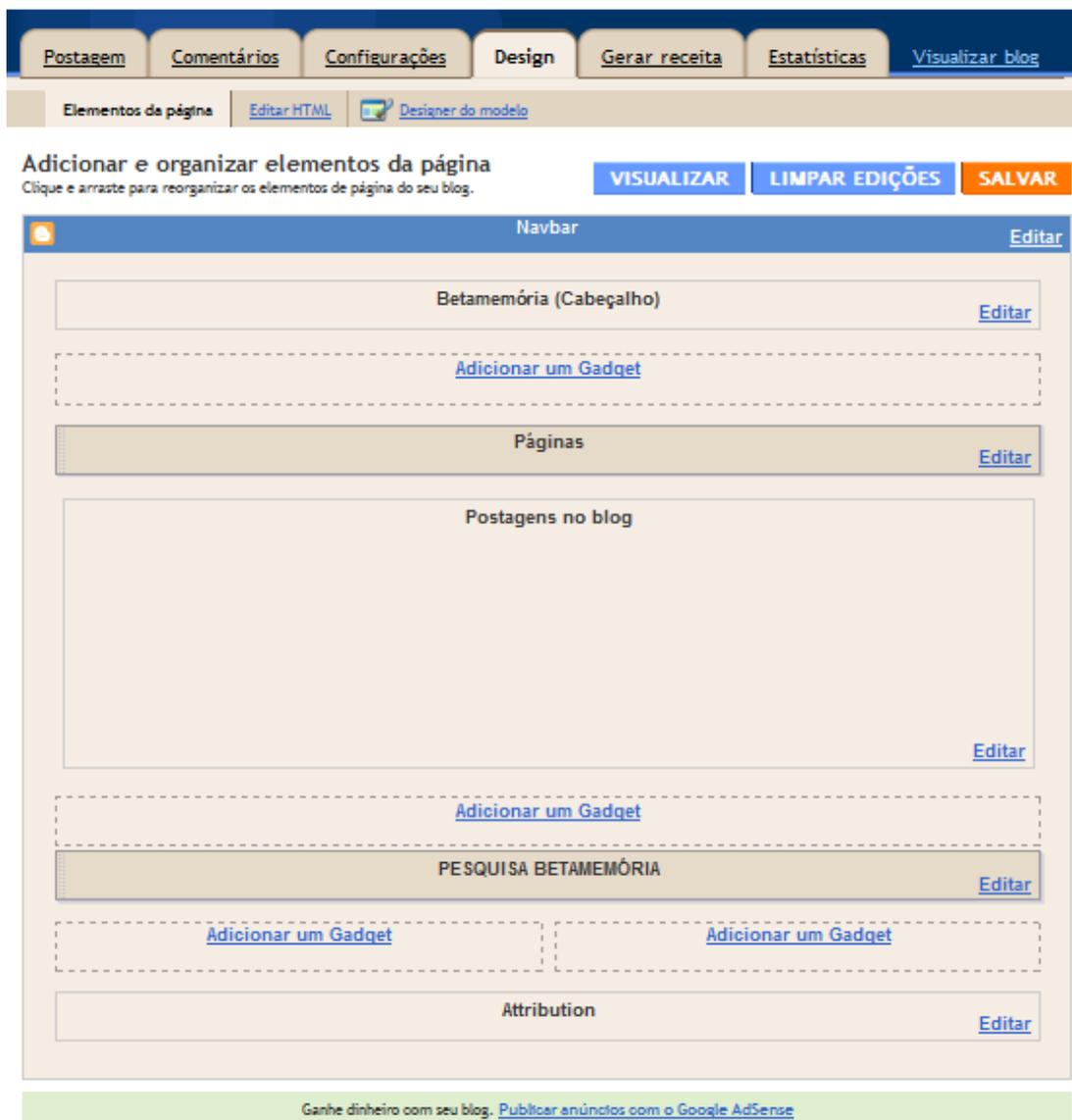


Figura 10 - Pannel para configurações de layout do blogger.

Como observamos na imagem acima, além de modelos de layout, o blog possibilita ao usuário dispor os elementos pela página com liberdade. É possível definir o posicionamento de menus, o tamanho das fontes e imagens utilizadas bem como agregar funcionalidades, como buscadores e RSS⁸. O Blogger oferece diversas possibilidades de edição e aprimoramento da página. Além de oferecer diversos *templates*⁹ prontos para o uso, permite que o usuário faça modificações nos existentes ou utilize um próprio. Para isso, não é preciso que o usuário tenha grandes noções de HTML¹⁰, visto que a interface gráfica do Blogger é bastante interativa.

Outro ponto que merece destaque no que diz respeito ao blog, é a possibilidade de interação e participação do visitante com o conteúdo apresentado. Tal fator se manifesta de diferentes formas, como através de comentários ou a partir de etiquetas folksonômicas. Não é raro encontrarmos blogs em que o espaço para comentários possui tanto ou mais conteúdo do que o apresentado pelas postagens, afinal cria-se um local de debate e troca de idéias ilimitados. Ganha assim o caráter de artefato cultural, uma vez que temos um repositório vivo de significados compartilhados, produzido por uma comunidade específica.

Cabe ressaltar ainda que a opção pelo Blogger para a criação do Betamemória se justifica também pela comunicação direta que possui com outra ferramenta Google: o software de organização e compartilhamento de imagens Picasa, que possui não apenas uma versão instalada no computador, capaz de organizar e agrupar imagens, mas também uma versão online, chamada Picasa Web.

O Picasa instalado no computador captura todas as imagens existentes na máquina, permitindo adicionar legendas às imagens, agrupada-las em álbuns, etiquetá-las e classificá-las de acordo com o interesse do usuário.

⁸ A tecnologia RSS permite aos usuários da internet se inscreverem em sites que são alterados frequentemente, uma espécie de alerta sobre as novas publicações.

⁹ Modelo

¹⁰ HTML (acrônimo para a expressão inglesa HyperText Markup Language, que significa Linguagem de Marcação de Hipertexto) é uma linguagem de marcação utilizada para produzir páginas na Web.

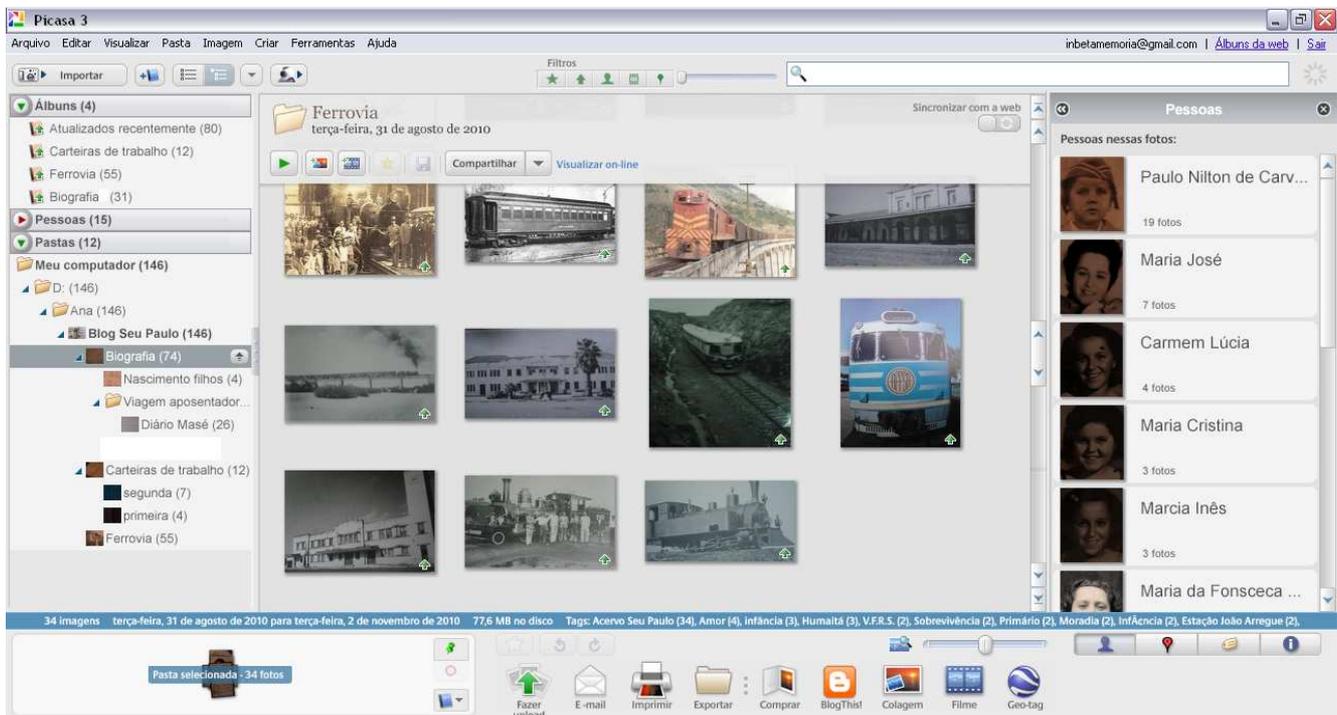


Figura 11 - Painel do Picasa software instalado no computador.

Na versão Web, o Picasa oferece basicamente as mesmas funcionalidades, porém com a opção de compartilhamento e com possibilidades de interação, permitindo que visitantes comentem ou mesmo acrescentem tags às imagens disponibilizadas, caracterizando assim um ambiente folksonômico.

Contudo, todas essas possibilidades de interação, comentários e folksonomias oferecidas pelo Picasa, não o fazem suficientemente satisfatório no objetivo de suprir as necessidades de **Seu Paulo**. O blog, ao contrário, possibilita a inclusão de históricos e informações mais aprofundadas, como é o caso das páginas “Sobre a Pesquisa” e “Sobre Seu Paulo”, oferecendo mecanismos para publicação mais fiéis aos relatos de **Seu Paulo** sobre o seu passado.



Figura 12 - Páginas “Sobre a Pesquisa” e “Sobre Seu Paulo” com textos mais extensos e hiperlinks.

Dessa forma, a utilização simultânea dos dois serviços, blog e Picasa, supre a necessidade do **Acervo do Seu Paulo**: por um lado, o blog como espaço personalizável, com uma interface preparada para comportar conteúdos mais extensos; por outro, o Picasa com o seu caráter de álbum de fotografias virtual, possibilitando a criação de um acervo digital maleável e orgânico. Justificando assim a opção de postarmos as imagens inseridas no Picasa Web com suas legendas, comentários e etiquetas diretamente no Blogger.



Figura 13 - Conta no Picasa Web do Betamemória com detalhe para a publicação das imagens no Blogger.

Com a integração entre Blogger e Picasa, foi possível criar um padrão de organização bastante viável, acessível para a publicação e compatível com as ferramentas de criação de conteúdo coletivas. Com as imagens migradas do Picasa para o blog ao serem publicadas, migramos também as tags e as legendas explicativas referentes a cada uma das imagens em seus respectivos posts.

Minha mãe Maria de Fonseca Carvalho e meu pai Oberici Peixoto de Carvalho.



Marcadores: Amor, Família, Honra, Início de tudo, João Arregue, Maria da Fonseca Carvalho, Oberici Peixoto de Carvalho, Sabedoria, Uruguiana

Figura 14 - Imagem publicada no Blog Betamemória a partir do Picasa com detalhe para as tags.

Cabe falar ainda que a utilização do Picasa dispensou a contratação de um servidor para armazenagem de conteúdo, visto que a ferramenta disponibiliza espaço online ilimitado para isso. Dessa forma, o Betamemória possui capacidade para o futuro aumento do acervo digital de **Seu Paulo**.

8.1 GADGETS

A opção por utilizar um blog e não apenas um álbum virtual para a criação do acervo digital do **Seu Paulo** se dá também pela enorme gama de possibilidades oferecidas pela ferramenta em questão. Com a transformação da WEB para a WEB 2.0., criaram-se inúmeras ferramentas interativas para enriquecimento de sites e blogs. Um forte exemplo disso são as chamadas Gadgets, que são pequenos aplicativos utilitários, desenvolvidos para que o usuário comum possa dispor de complementos mais elaborados no seu blog.

Para um usuário comum de internet, seria praticamente impossível gerar códigos e programações que resultassem, por exemplo, em uma nuvem animada em 3D de palavras ligadas às imagens que correspondem. É nesse

sentido que os Gadgets entram como opção importante na universalização das possibilidades oferecidas pela WEB 2.0.

No caso do **Seu Paulo**, foram utilizados quatro Gadgets. Um deles é o sistema de busca integrado ao banco de dados Google que oferece buscas em todo o blog e também buscas externas. As buscas internas seriam no Blog, em links do Blog, em blogs parceiros e as externas seriam na WEB.

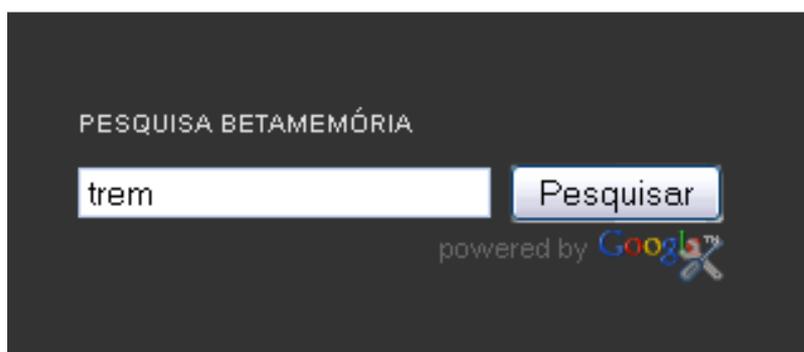


Figura 15 - Palavra informada para pesquisa.

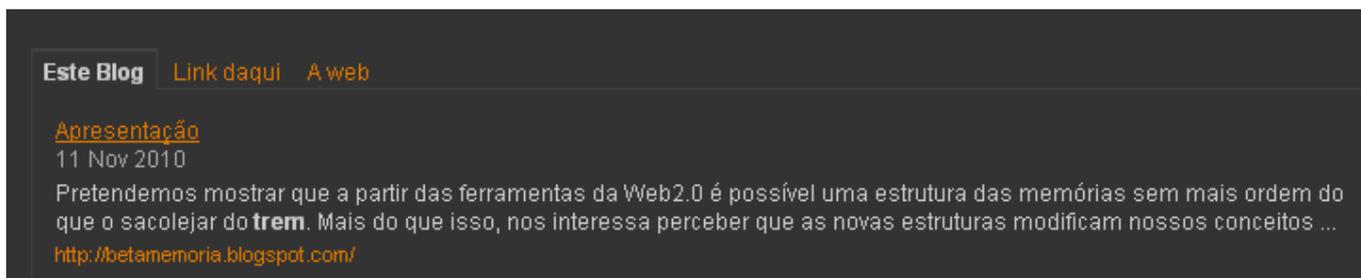


Figura 16 - Resultado da pesquisa.

Os outros dois Gadgets utilizados referem-se à maneiras de recuperação e visualização das imagens. O primeiro diz respeito a exibição das imagens em forma de slideshow. Trata-se do Gadget PictoBrowser que é um gadget gratuito para exibição de imagens em slideshow utilizável no Blogger.

Sem a necessidade de copiar o código em HTML do Picasa e colar no editor de HTML do Blogger, para que as fotos sejam apresentadas conforme e, somente conforme, a sua seqüência no Picasa, o Pictobrowser não nos limita aos álbuns criados no Picasa. Uma vez tendo essas imagens publicadas no Picasa Web, o pictobrowser irá "puxa-las" de acordo com informações sobre o álbum ou de acordo com as tags. É possível criar álbuns no Blogger a partir do pictobrowser apenas de imagens que estejam etiquetadas sob a tag Vila Siqueira, por exemplo.



Figura 17- Pictobrowser como possibilidade para elaboração de um álbum de fotografias sob a tag Vila Siqueira.

Dessa forma, o slideshow do Diário da Masé sobre a viagem da aposentadoria e o slideshow das fotografias da viagem de aposentadoria foram possíveis, uma vez que o pictobrowser resgatou as imagens que estavam sob as tags "diário da masé" e "viagem de aposentadoria"

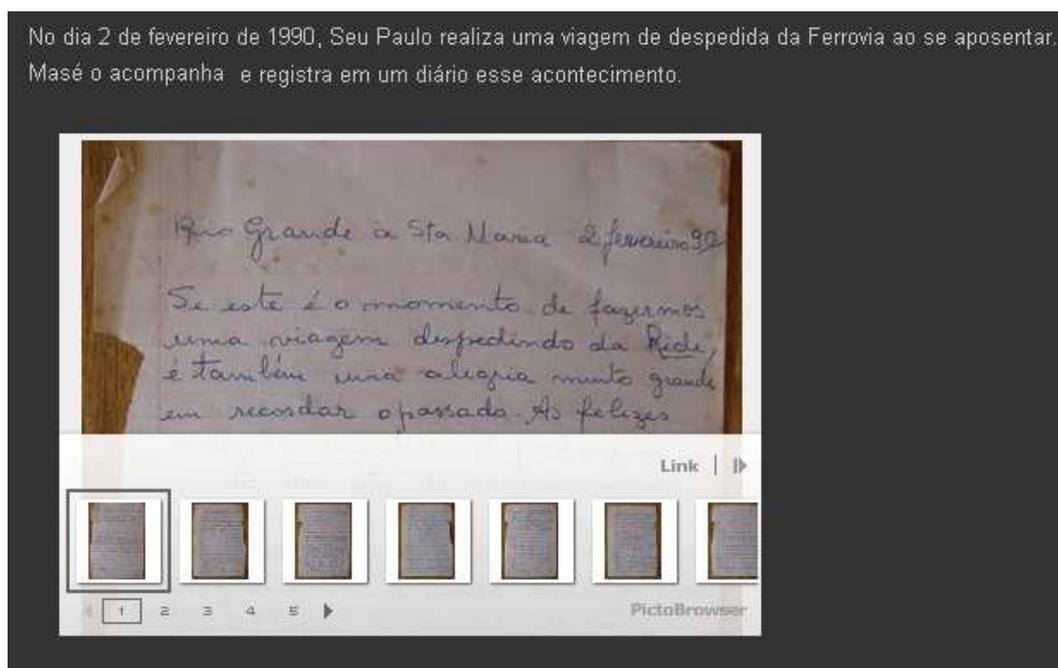


Figura 18 - Álbum a partir do pictobrowser com imagens do diário da Masé.

Enxergar as tags das imagens organizadas em forma de gráfico, imitando uma nuvem, possibilitaria ao usuário uma melhor assimilação do caminho percorrido pela memória dos ferroviários. O recurso é disponibilizado como opção à simples disposição de tags em listas ordenadas por ordem alfabética variando seu tamanho número de atribuições de determinada etiqueta. O resultado das postagens no Betamemória foi, portanto, uma nuvem de conteúdo, disponibilizada no link [Revoada de Memórias](#), que une todas as tags atribuídas às imagens e apresenta o resultado de forma gráfica e interativa.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que estamos presenciando transformações marcantes na estruturação e significação dos conceitos, sendo assim, da informação. As tecnologias abrem um leque de possibilidades antes restrito às limitações físicas existentes na organização do conhecimento e, conseqüentemente, na criação de novos significados. O presente estudo propôs um debate acerca das mudanças, analisando de que forma um acervo de imagens passará a interagir com o usuário a partir das tantas possibilidades oferecidas pela WEB 2.0, como o blog e a folksonomia.

Ao transformarmos o Acervo de **Seu Paulo**, antes organizado em pastas e restrito a um espaço físico, em um acervo digital, oportunizamos a criação de novos mecanismos de utilização, organização e acesso às imagens, criando assim um novo e diferente acervo de imagens. Utilizamos as ferramentas oferecidas hoje pela WEB 2.0 com o objetivo de transformar as fotografias em um objeto simbólico da memória pessoal e coletiva, que **Seu Paulo** e outros ferroviários expressaram através das tags criadas para cada uma delas.

Para compreender como um blog pode ser utilizado como ferramenta de armazenamento, preservação da memória e de construção coletiva do conhecimento, foi necessário entender ela como um artefato cultural carregado de significados. Tais significados foram atribuídos pelos sujeitos – **Seu Paulo** e ferroviários - através das tags, corroborando assim o conceito de Pollack de que tudo o que construímos e compartilhamos é memória.

Foi possível, dessa forma, contribuir com a intenção de **Seu Paulo** em preservar o patrimônio ferroviário. Ao disponibilizar o acervo de forma digital na WEB através de um blog, tornou-se viável a um cidadão comum realizar o seu próprio cenário patrimonial dentro da rede sem desembolsar recursos financeiros, por exemplo. Experiências como o blog Betamemória podem se tornar viáveis quando não existe a possibilidade de customizar, ou seja, solicitar sob medida um sistema que por vezes necessitamos. Para **Seu Paulo**, e para quem quiser reunir suas informações, significados, imagens e vídeos, suas memórias em uma plataforma confiável, os blogs atendem a esses quesitos de forma satisfatória.

Junto à disponibilização das imagens em um blog, foi preciso estabelecer um grau de interatividade maior entre os usuários e o acervo em questão através das Rodas de Memória. Nesse sentido, o Picasa mostrou-se uma opção viável não apenas no armazenamento e na organização das imagens, mas também como ponte entre as fotografias e o conteúdo histórico agregado ao acervo e coletado a partir das entrevistas com **Seu Paulo** e das Rodas da Memória com demais ferroviários.

A essência da fotografia assim é marcada pelo *punctum*, descrito por Barthes, e desperta informações e impressões para além da descrição pré-iconográfica e iconográfica. Com isso, temos a fotografia como um objeto iconológico e polissêmico, com diferentes possibilidades de etiquetagem. Podemos ter uma mesma fotografia que será, provavelmente, etiquetada de forma bastante diferente por dois ferroviários distintos, com diferentes cargas históricas e emotivas. Aquilo que desperta e puxa o olhar do observador na fotografia é extremamente subjetivo e possui um caráter amplamente flexível e maleável perante as tradicionais formas de descrição da imagem.

Dessa forma, foi proposto como opção de organização do acervo de **Seu Paulo**, digitalizado e disponibilizado no blog Betamemória, não apenas uma forma tradicional de organização, mas uma possibilidade folksonômica de organização. Ao oferecer ao visitante do blog a opção de interagir com o acervo, adicionando tags às imagens e, posteriormente, enxergando isso em uma imensa nuvem de tags em 3D, possibilitamos que o acervo ganhe vida e torne-se um produto de conhecimento e debate coletivo. É importante ressaltar, entretanto, que o que foi feito em termos de organização da Segunda Ordem da Ordem, como a adição de legendas e datas às fotografias, por exemplo, não se invalida com as folksonomias, apenas somam-se. Dessa forma, por mais fiel que seja à revoada de memórias que trazemos conosco, a folksonomia convive com a Primeira e a Segunda Ordem da Ordem.

Consideramos, que o Blog Betamemória é de fato uma ferramenta flexível e personalizável no seu uso e na possibilidade de informar, preservar, difundir e cooperar com a memória de **Seu Paulo** e indiretamente a memória ferroviária. Isso se deve especialmente pela organização das informações relativas às imagens, em primeiro lugar, através das legendas criadas por **Seu**

Paulo e em segundo lugar pelas etiquetas geradas a partir dos demais ferroviários caracterizando um ambiente folksonômico.

REFERENCIAS

AMARAL, Adriana, RECUERO, Raquel e MONTARDO, Sandra Portella. Blogs: mapeando um objeto. In: AMARAL, Adriana, RECUERO, Raquel e MONTARDO, Sandra Portella. **Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação**.- São Paulo: Momento Editorial, 2009.

BARBOSA, J. A. “**Weblogs: múltiplas utilizações, um conceito**”. Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte: PUCMG, 2003. Disponível em: <
<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/4758/1/NP8SILVA.pdf>
> Acesso em: 10 de novembro de 2010.

BARTHES, Roland. **A Câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Fotografar, documentar, dizer com a imagem**. Cadernos de Antropologia e Imagem, Rio de Janeiro, 18(1), 2004.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. São Paulo: Unesp, 2002

CONARQ. **Recomendações para digitalização de documentos arquivísticos permanentes**. Arquivo Nacional, abril de 2010. Disponível em: <
http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/media/publicacoes/recomenda/recomendaes_para_digitalizacao.pdf
>. Acesso em: 10 de novembro de 2010.

DUQUE, Claudio Gottschalg. Uma Abordagem Ontológica para a Indexação de Documentos Eletrônicos através da Utilização de Lingüística Computacional. In: **XI Simpósio Nacional de Letras e Lingüística e I Simpósio Internacional de Letras e Lingüística**. Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2006.

ENKE, Rebecca Guimarães. **Balneário Villa Sequeira: A invenção de um novo lazer (1890-1905).**Dissertação de mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo (RS), 2005.

ESPINOSA, H. "Intersticios de sociabilidad: una autoetnografía del consumo de TIC". Athenea Digital, n.12, p.272277, 2007. Disponível em: <http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/448>. Acesso em 15/01/2008.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade.** São Paulo: Annablume, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GONDAR, Jô.: Quatro Proposições sobre Memória Social, in: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. **O que é memória social**, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

KEPPLER, Carlos Dinarte de Oliveira. **Blog Memória Viamense: preservação da memória e construção coletiva do conhecimento no Departamento de Memória de Viamão / Carlos Dinarte de Oliveira Keppler; orientação [por] Lizete Dias de Oliveira.** – Porto Alegre: UFRGS/FABICO/Departamento de Ciências da Informação, 2007.

LANCASTER. F. W. Bases de dados de imagens e sons. In: LANCASTER. F. W.. **Indexação e resumos: teoria e prática.** Brasília, DF : Brique de Lemos, 2004.

LÉVY, PIERRE. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2003.

MICHELON, Francisca Silveira Tavares, TAVARES, Francine Silveira. **Fotografia e memória.** Pelotas: Editora UFPel, 2008.

O'REILLY, Tim. **What Is Web 2.0** - Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. O'Reilly Publishing, 2005. Disponível em: < <http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html> > Acesso em: 10 de novembro de 2010.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1992, p. 3-15.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalho apresentado na XXIX Intercom (Brasília, DF), no NP Tecnologias da Informação e da Comunicação. 2007. Disponível em: < <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf> > Acesso em: 10 de novembro de 2010.

SMIT, Johanna W. A representação da imagem. In: **Informare** - Caderno do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 28-36, jul/dez. 1996.

WEINBERGER, David. **A nova desordem digital: os novos princípios que estão reinventando os negócios, a educação, a política, a ciência e a cultura.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

ANEXO - Painéis da exposição de Seu Paulo

AMOSTRA FERROVIÁRIA DE FOTOS E GRAVURAS

EXPOSITOR: PAULO NILTON DE CARVALHO

SUMÁRIO DE PAINÉIS

PAINÉIS	DESCRIÇÃO
01	1825 – NA INGLATERRA A PRIMEIRA FERROVIA
02	1825 – INÍCIO DRAMÁTICO DAS FERROVIAS
03	1854 – A PRIMEIRA FERROVIA NO BRASIL
04	1874 – A PRIMEIRA FERROVIA NO RIO GRANDE DO SUL
05	DEPÓSITOS DE LOCOMOTIVAS NO RIO GRANDE DO SUL
06	NAQUELE TEMPO
07	FOI UM TREM QUE PASSOU EM NOSSA VIDA
08	OFICINAS DA VIAÇÃO FÉRREA
09	CAMINHOS DE FERRO – CIDADE DE RIO GRANDE
10	LINHA FÉRREA IMPULSIONOU O CASSINO
11	OBRAS DE ARTE NO RIO GRANDE DO SUL
12	1957 – FUNDAÇÃO DA REDE FERROVIÁRIA FEDERAL S.A.
13	CAIXAS D'AGUA, UM PASSEIO PELA HISTÓRIA DA FERROVIA
14	NOSTÁLGICA MARIA FUMAÇA
15	ESTAÇÃO: UM TOM POÉTICO NA CHEGADA DO TREM
16	LOCOMOTIVAS DIESEL
17	UMA VIAGEM NO TEMPO
18	SEM FERROVIAS NÃO HÁ DESENVOLVIMENTO
19	TRENS DE LUXO NO RIO GRANDE DO SUL
20	CARROS RESTAURANTES
21	A FERROVIA DA MORTE
22	ACIDENTES FERROVIÁRIOS
23	PATRIMÔNIO HISTÓRICO MUTILADO PELO ABANDONO
24	METRÔ – TRENS METROPOLITANOS
25	UMA VIAGEM INESQUECÍVEL DE TREM NO PARANÁ
26	CARROS MOTORES, UM ÔNIBUS SOBRE TRILHOS
27	CRIATIVIDADE NOS TRILHOS
28	ÚLTIMO TREM DEIXA A ESTAÇÃO
29	OS TRILHOS QUE TRAZEM PROGRESSO
30	TRENS MODERNOS
31	TRENS CADA VEZ MAIS RÁPIDOS
32	NOSSAS VIDAS PASSARAM POR ESTES TRILHOS
33	TELÉGRAFO, A EPOPÉIA DAS TELECOMUNICAÇÕES

APÊNDICE - Ficha coleta de palavras-chave

Nome:

Idade:

Tempo de serviço na ferrovia:

Atividade:

PREENÇA AS LACUNAS COM PALAVRAS QUE DESCREVEM O
CONTEÚDO DA FOTOGRAFIA RELACIONADA

FOTO 1 – Locomotiva a vapor “Rocket”

FOTO 2 – Primeira Ferrovia Transcontinental

FOTO 3 – Union Pacific e a Central Pacific

FOTO 4 – A Baronesa

FOTO 5 – Ponte sobre o Rio dos Sinos

FOTO 6 – Primeira Estação de Porto Alegre

FOTO 7 - Limpeza da via Porto Alegre – São Leopoldo

FOTO 8 – Estação São Leopoldo

FOTO 9 – Locomotiva tipo Mogul

FOTO 10/11 –Segunda Estação de Porto Alegre,Castelinho

FOTO 12 – Locomotiva American

FOTO 13 – Estação Uruguaiana

FOTO 14 – Trem de Luxo Húngaro

FOTO 15 – Galo de Ouro

FOTO 16 – Estação Rio Grande

FOTO 17 – Estação de Arroio do Só

FOTO 17 – Trem Minuano

FOTO 18 – Depósito Cacequí

FOTO 19 – Estação Bagé

FOTO 20 – Comemoração ao centenário da Linha Rio Grande / Bagé

FOTO 21 – Locomotiva Mikato

FOTO 22 – Trem Paulista

FOTO 23 – Estação Santa Maria

FOTO 24 – Locomotiva a diesel

FOTO 25 – Estação Marcelino Ramos

FOTO 26 – Locomotiva 523

FOTO 27 – Vagão primeira classe VFRGS

FOTO 28 – Maquinistas

FOTO 29 – Interior de locomotiva vapor

FOTO 30 – Estação Rio Grande

Eu, _____, nacionalidade _____, estado civil, _____ profissão, _____ inscrito no CPF sob o nº _____ e RG sob o nº _____, autorizo o uso da minha imagem e desta ficha para fins de pesquisa no Projeto de Ana Maria de Mattos Reckziegel.

Data: _____

Assinatura: _____